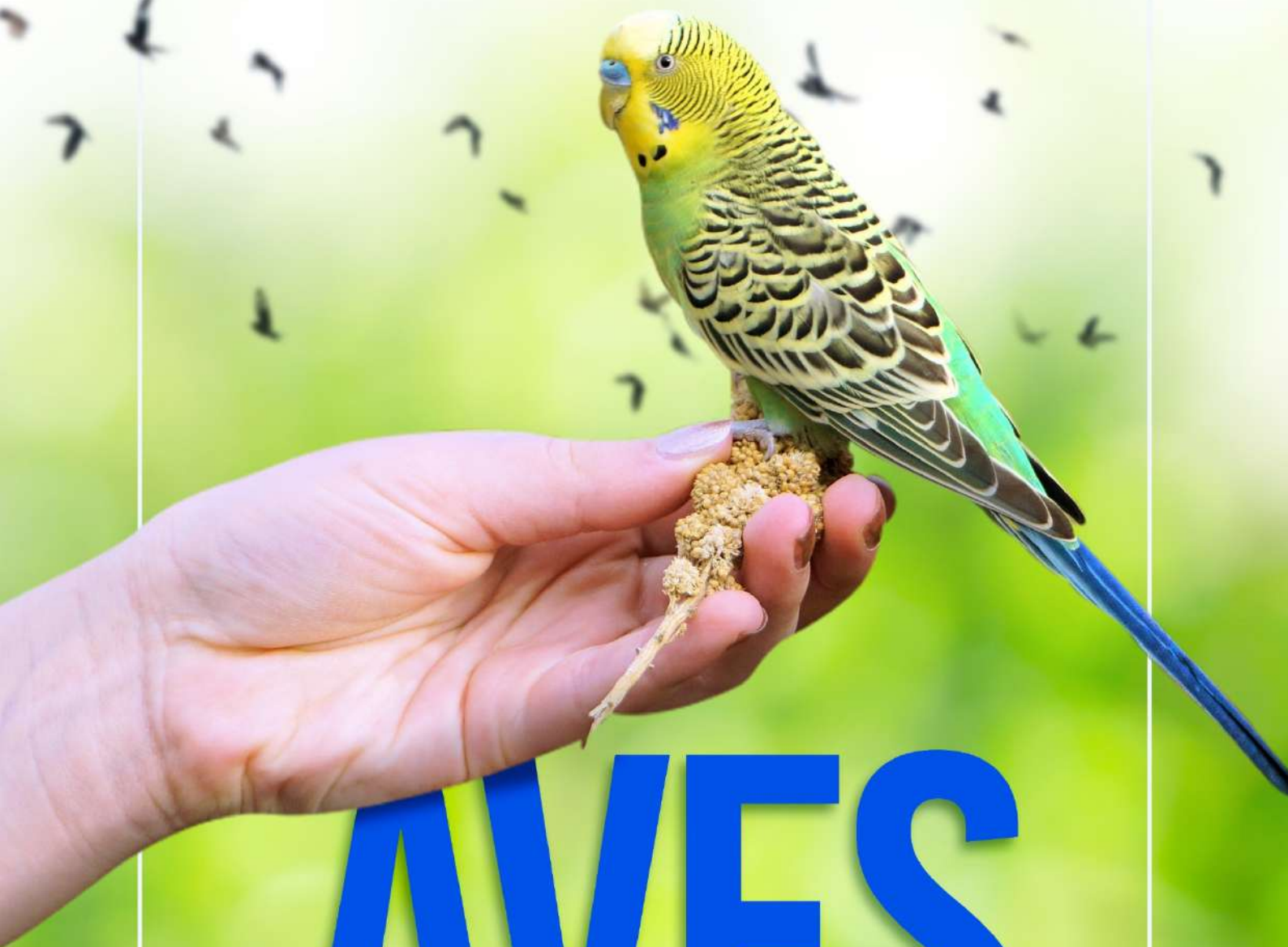


DEILA MARIA FERREIRA SCHARRA



AVES

TERAPEUTAS

**TAA E A UTILIZAÇÃO DAS AVES
COMO ESTRATÉGIA TERAPÊUTICA**

DEILA MARIA FERREIRA SCHARRA

AVES TERAPEUTAS

TAA e a utilização das Aves como estratégia terapêutica

NITERÓI – RJ

2020

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo, sem a autorização da autora.

Revisão de português: Dionilce Silva de Faria

Preparação: Alexander Schiavoni

Arte da capa: Adriana Monteiro de Souza

Imagens da capa: <https://pixy.org/4668711/>

Imagens do livro: <https://shutterstock.com>

Deila Scharra

1. Aves 2. Terapeutas 3. TAA

ISBN: 978-65-00-12448-4



A Loloio que, durante tanto tempo, nos encantou com divertidas peraltices.... e, hoje, apesar de ausente, ainda nos encantamos com suas recordações.

Deila Scharra

SOBRE A AUTORA

Médica-veterinária, formada em 1966 pela UFF- RJ, dedicou-se à Ornitopatologia, desde cedo, quando, ainda, estava no 2º ano da graduação. A especialização em Ornitopatologia (UFF – 1971) e o Mestrado (UFF- 1977) deram continuidade aos seus estudos sobre as doenças das aves, principalmente, à pesquisa sobre as enfermidades dos pássaros.

Ao longo dos 37 anos, trabalhando na profissão, publicou os livros “**Doenças dos Pássaros e outras aves**” e “**Como cuidar das aves de estimação**”, ambos em 1987, pela Editora Cátedra-RJ. Entre os trabalhos apresentados em congressos e revistas especializadas figuram temas sobre “*Divertículo de Meckel em frangos de corte*”, “*Doenças das aves transmissíveis ao Homem*”, “*Artrite estreptocócica em canários*”, “*Candidíase na forma digestiva nas aves canoras e de adorno*”, “*Ocorrências de sarna knemidokóptica em aves ornamentais*”, “*Persistência da vesícula vitelina em Gallus gallus*”, entre outros.

Proferiu palestras e ministrou aulas sobre Ornitopatologia, na Universidade Federal Fluminense em nível de Graduação e Pós-graduação. Atuou como professora da disciplina de Ornitopatologia na UNIGRANRIO, na Universidade Castelo Branco e na FESO- Fundação Educacional Serra dos Órgãos. Aprovada em concurso público em 1972, como médica-veterinária da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro, deu continuidade aos seus estudos sobre as doenças das aves, trabalhando, também, como autônoma na clínica de pássaros até a sua aposentadoria em 2003.

Aproximadamente, no ano de 2011, começou a pesquisar sobre Terapia Assistida por Animais e direcionou seus estudos para a atividade das aves como coterapeutas. Esse novo assunto deu origem a alguns artigos, tais como: “*Sobre um caso de Afasia e o papel dos Pássaros na Atividade Assistida por Animais*”; “*A Psicossomática e a Terapia Assistida por Animais (TAA)- uma relação possível*”; “*A visão transdisciplinar da Terapia Assistida por Animais como estratégia terapêutica*”. A escassa literatura sobre este tema tão interessante e, ainda, tão pouco estudado e divulgado, vem aumentar o desafio para alguém que, sempre, lidou com os pássaros como aves de estimação. Em 2017, tomou posse na Academia de Medicina-Veterinária no Estado do Rio de Janeiro.

- **0023695332909049** (Currículo Lattes)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
PARTE 1 – Considerações sobre a TAA.....	12
1. 1. Histórico da TAA.....	12
1. 2. TAA e outras denominações.....	13
• TAA	13
• AAA	13
• EAA	14
• IAA	15
PARTE 2 – Das aves na TAA.....	18
2.1. Espécies de aves mais indicadas para TAA.....	18
• Da presença do canário como animal doméstico.....	18
• Dos benefícios da convivência do tutor com as aves	18
• Das espécies de aves nativas e a atuação do IBAMA	20
2.2. Da interação aves / tutores	21
• Do relacionamento com as aves e o viés terapêutico.....	21
• Das controvérsias no relacionamento das aves com seus tutores ...	23
• Do sonho de possuir uma calopsita adestrada.....	27
• As aves e a Segurança aeroportuária	29
PARTE 3 - Estresse das aves.....	32
• Cuidados para evitar o estresse no manejo das aves	32
• Do estresse provocado pelas IAA	33
PARTE 4 - Zoonoses aviárias	37
• Quadro explicativo das principais zoonoses aviárias	38
• Da criptococose e a convivência dos pombos com o homem.....	39

PARTE 5 - A Medicina-veterinária, a TAA e o surgimento da Família multiespécie.....	45
PARTE 6- Cuidados com a ave coterapeuta.....	49
PARTE 7- Aspectos legais da TAA.....	52
7.1 IBAMA e da legalização das aves nativas.....	52
7.2 Projeto que autoriza animais nos hospitais	53
• Projeto que autoriza animais nos hospitais (São Paulo)	53
• Projeto que autoriza animais nos hospitais (Paraná).....	54
• Projeto que autoriza animais nos hospitais (Rio de Janeiro)	55
PARTE 8 - Bioética e TAA	58
• REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59
• ANEXOS.....	64



INTRODUÇÃO

Trinta e dois anos, após a publicação dos livros sobre as doenças dos pássaros e os cuidados com as aves de estimação, vejo-me, outra vez, envolvida com a possibilidade de levar aos clientes, colegas e amigos, uma outra visão da relação aves x humanos na construção de novos vínculos. Não falaremos das normas estabelecidas nas criações avícolas, do tratamento das doenças das aves, mas nosso enfoque será o papel que esses animais representam, ajudando na recuperação das pessoas que apresentam algum sofrimento, quanto ao aspecto biopsicossocial.

Tudo começou por volta de 2011, quando recebi um convite do presidente da *Federação Ornitológica Catarinense* para que enviasse um artigo a ser publicado no site da referida federação. O assunto ficaria à minha escolha e devo admitir que foi até fácil encontrar um tema envolvendo os pássaros e as aves de um modo geral, que representasse um desafio e uma novidade. Voltei no tempo e, naquele momento, vi, com clareza, a importância que esses animais tiveram ao longo da minha vida como ornitopatologista e como ser humano. E, por isso, me lembrei daquelas avezinhas tão frágeis que chegavam ao consultório para alcançar alívio para seus sofrimentos quando, na verdade, o alívio viria, principalmente, para seus tutores tal como são, atualmente, denominados. E, ainda hoje, acredito que continuamos a tentar amenizar nossos próprios sofrimentos, através da convivência com os animais de estimação. A grande diferença é que percebo, agora, que eles é que são nossos *verdadeiros terapeutas*. Estão ao nosso lado, como animais de companhia, moldando nosso comportamento, influenciando a nossa socialização, atuando na nossa afetividade, ajudando nos problemas de controle motor, de linguagem e depressão, entre outras indicações.

A Terapia Assistida por Animais (TAA) vem se firmando como uma nova alternativa terapêutica na busca de uma boa qualidade de vida para os humanos nas mais diversas faixas de idade, entre elas crianças, jovens, adultos e 3ª idade. É uma forma de terapia na qual o animal tem participação importante no tratamento da pessoa. Na verdade, nessa modalidade de terapia, o animal atua como coterapeuta e os resultados alcançados vêm sendo satisfatórios, tanto na prevenção e recuperação de doenças como, também, na inclusão social de pessoas com deficiência, favorecendo a socialização. Resultados expressivos vêm sendo, também, observados nas casas de repouso e hospitais, facilitando a comunicação entre o paciente e o

enfermeiro e, desse modo, contribuindo para o vínculo entre ambos. Várias denominações vêm sendo dadas à TAA, de acordo com o tipo de atividade que é realizada com os animais. Assim temos: AAA (atividades assistidas com os animais); EAA (educação assistida por animais) e IAA (intervenções assistidas pelos animais).

Muitos benefícios à saúde humana são atribuídos à TAA, tais como: a diminuição da ansiedade, melhora do humor, reabilitação cognitiva e física, diminuição do estresse, prevenção de estados depressivos, entre outros. A companhia dos animais de estimação, por exemplo, é, principalmente, indicada para idosos, pois evita o sentimento de solidão e aumenta a autoestima. Há a redução da pressão arterial e neurotransmissores são liberados, indicando reações fisiológicas que ocorrem durante o processo de interação que se manifestam, principalmente, quando o idoso interage com os animais. Por outro lado, benefícios são, também, observados no aspecto físico, quando observamos melhora na coordenação motora e diminuição da dor física. É assim que podemos observar que aspectos emocionais, físicos e mentais podem ser citados como benefícios proporcionados pela TAA junto aos idosos.

Os cães são os animais mais utilizados na TAA, embora estudos realizados com outras espécies animais, tais como: cavalos, gatos, golfinhos, pequenos roedores, aves, tartarugas, coelhos, peixes e, até mesmo, escargots venham sendo utilizados com bons resultados nessa modalidade de terapia indicada para diversas faixas etárias. Nesse livro, optamos por pesquisar, preferencialmente, a interação dos idosos com as aves das mais variadas espécies, incluindo os pássaros, psitacídeos principalmente, calopsitas, maitacas, periquitos australianos, araras, papagaios, agapornis, etc.), e, até mesmo, a galinha doméstica.

Neste livro, importa-nos, principalmente, o estudo da convivência dos indivíduos da 3ª idade com as aves, ditas “Aves Terapeutas”, quando elas desempenham o papel de animais de estimação, contribuindo com a promoção da saúde humana, através da prevenção das doenças.



PARTE 1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A TAA

1.1 HISTÓRICO DA TAA

Dotti (2014) nos fala da relação homem X animal que nos acompanha desde os tempos do Egito antigo, quando cães e cavalos já participavam da vida humana. Ao longo dos séculos, foi atribuído aos animais o poder da cura e, até mesmo, contribuíram com a religiosidade ao adquirir a forma de deuses, quando representavam sabedoria, solução e proteção para os humanos. Este autor nos lembra que, na cultura ocidental, desde 1699, os animais exerciam funções na socialização e no comportamento do homem. A sua presença, com o passar do tempo, foi deslocada para dentro das nossas casas e estreitando a convivência com os seres humanos. Confirmando, por exemplo, essa tendência de proximidade entre humanos e animais, programas terapêuticos, tendo cães como coterapeutas, foram introduzidos no tratamento de soldados da Força Aérea Americana nos anos de 1944 / 45, apresentando resultados satisfatórios.

Mello (2014) nos informa que, no Brasil, por volta de 1955, a Dra. Nise da Silveira dá início a uma ousada modalidade de atividade realizada junto aos seus pacientes esquizofrênicos, utilizando cães como animais que funcionavam como coterapeutas. E ela nos relata:

Tudo começou em 1955. Alguém jogou uma cadela no campo de esportes do hospital. Um doente recolheu o animal. Deixei que o fizesse, porque senti que necessitava fazer essa experiência. O paciente que não se relacionava com ninguém, com coisa nenhuma, começou a se libertar. Caralâmpia ficou e, hoje, é uma das minhas melhores auxiliares. Excelentes catalisadores são os coterapeutas não humanos (SILVEIRA,2014).

Essa prática, nos dias atuais, está sendo difundida em todo o mundo, e é importante que se diga, utiliza não só o cão, mas, também, as mais diversas espécies de animais.

1. 2- TAA E OUTRAS DENOMINAÇÕES

- **Em que consiste a TAA?**

TAA refere-se à Terapia Assistida por Animais, que é uma técnica cientificamente comprovada, que tem como objetivo específico utilizar o animal de estimação no contato entre humanos e animais.

TAA é uma intervenção dirigida, com objetivos específicos para cada patologia e faixa etária onde o animal de estimação, especialmente, treinado com rígidos critérios de comportamento e saúde é parte integrante do processo de tratamento.

TAA é um método alternativo de ajuda terapêutica que ocupa um lugar especial nos tratamentos em diversas patologias.

TAA é uma intervenção dirigida, com objetivos específicos para cada patologia e faixa etária onde o animal de estimação, especialmente, treinado com rígidos critérios de comportamento e saúde é parte integrante do processo de tratamento. É dirigida por profissionais da saúde e/ou equipe multidisciplinar, com conhecimentos especializados. Envolve procedimentos e metodologia. É documentado e avaliado em cada sessão.

TAA é uma atividade projetada para promover a melhoria da saúde física, social, emocional e funcionamento cognitivo (pensamento e habilidades intelectuais) dos pacientes assistidos. A TAA pode ser individual ou grupal. Disponível em: <http://patastherapeutas.org/o-que-e-taa-aaa-aaa/>

- **Em que consiste a AAA?**

Envolve a visitação, recreação e distração, quando animais e pessoas entram em contato sem que tenha sido estabelecido um programa oficial. Busca-se melhorar a qualidade de vida, o entretenimento, a motivação e a informação. Os animais são levados às instituições por seus tutores e as atividades realizadas ficam a cargo de profissionais treinados (DOTTI, 2014).

Oliva et al. (2010) assinalam os bons resultados alcançados junto a idosos em tratamento psicoterápico, quando foi observada a diminuição da ansiedade, melhora na capacidade de expressão e o estímulo à memória, graças à sua interação com cães. Os benefícios alcançados, através do contato afetivo e emocional com os animais, melhorou a autoestima, trouxe bom humor e favoreceu relacionamentos. A realização de exercícios físicos, tais como afagar, pentear os animais, escovar seus dentes e caminhar com os cães, também, trouxe benefícios aos idosos que aceitaram melhor a prática da fisioterapia motivada pela presença dos animais.

- **Em que consiste a EAA?**

Trata da utilização dos animais no cenário pedagógico, quando professores realizam atividades direcionadas a uma didática pedagógica. De acordo com Petenucci (2016), há que se incorporar questões ligadas à tecnologia educacional, à compreensão dos processos de aprendizagem à luz das neurociências na busca de novos caminhos que façam do ato de aprender prazeroso. Considera-se a EAA como uma ferramenta educativa que teve seu início na área da saúde com a equoterapia, com os cães-guias para deficientes visuais, no atendimento de crianças com necessidades especiais, na pedagogia hospitalar e, até mesmo, na andragogia que trata do processo de ensino-aprendizagem de adultos, em que os animais são utilizados como recurso pedagógico. Interessante assinalar que as interações pedagógicas mencionadas podem ocorrer dentro ou fora da escola e em qualquer faixa etária.

Citamos, como exemplo da utilização da EAA, um trabalho realizado junto a alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Djalma Santos, Pirassununga - SP, num projeto desenvolvido em 2014, na Universidade Anhanguera –UNIDERP– Centro de Educação à Distância – Curso de História, visando a melhorar a disciplina e a aprendizagem dos alunos. Foi utilizado, como tema a ser desenvolvido, a “ **Terapia Assistida por Animais – uma**

ferramenta auxiliando o berço educacional, destinado, não só melhorar a aprendizagem, mas, também, buscar transformar hábitos e comportamentos de determinados alunos. Por outro lado, o artigo “Aves terapeutas” (Scharra, 2011), foi utilizado como incentivo para aquisição de procedimentos e informações de como cuidar bem dos animais, dando-lhes amor e carinho. Disponível em: <https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/i-Desafio-2-Semestre-Taa/77299255.html>

A andragogia, ao buscar atender a educação de adultos, inclusive de indivíduos na 3ª idade, encontra uma forma prática e agradável de trabalhar a memória, a cognição e a motivação, graças à ajuda de cães. Eles estimulam os idosos, principalmente, pela ausência de preconceito, contribuindo na melhora da autoestima desses alunos. A aplicação da EAA na área da Gerontologia / Andragogia, atua na atenção, no exercício da memória imediata e remota, na boa integração do grupo de idosos e nas percepções auditiva e visual.

Na atividade recomendada para crianças, programas de incentivo à leitura são comuns, quando elas lêem em voz alta para os cães. É uma modalidade de EAA que vem trazendo resultados satisfatórios, contribuindo na socialização desses alunos. Ainda, segundo informações fornecidas por Petenucci (2016), o Projeto Dr. Escargot, ao utilizar moluscos em sala de aula, vem, também, trazendo aumento na afetividade das crianças.

- **Em que consistem as IAA?**

Finalmente, ressaltamos as informações fornecidas no texto apresentado pela ONG “Patás Therapeutas” (que usa , o termo **Intervenções Assistidas por Animais-IAA**) como sendo o mais utilizado para designarmos as Terapias Assistidas por Animais, quando eles são utilizados como apoio em diversas especialidades, tais como, na psicologia, fisioterapia, gerontologia, fonoaudiologia, em atividades de controle do estresse em empresas, na ajuda a vítima de desastre natural, prisões, escolas, hospitais, etc.

Cada vez mais, os animais são utilizados como apoio terapêutico e a tendência é o aumento das intervenções, devido às evidências, cada vez maiores, por meio de trabalhos e pesquisas, dos benefícios desta interação humano-animal. Disponível em: <http://patastherapeutas.org/o-que-e-taa-eaa-aaa/>



PARTE 2 - DAS AVES NA TAA

2.1 Espécies de aves mais indicadas para a TAA

Nem todos os animais podem oferecer os mesmos efeitos às mesmas pessoas. Os programas oferecem muitas variações, comparativamente à classe de pessoas para a qual o trabalho será destinado. Os cães são os eleitos para o trabalho, apesar da utilização de gatos, coelhos, cavalos, aves, lhamas e outros mamíferos (DOTTI, 2014).

Em nosso trabalho, ao longo dos anos, lidando com as doenças das aves observamos que pode haver uma intensa relação de afeto entre esses animais e as pessoas com as quais convivem. Ainda pouco, conhecemos sobre a Terapia Assistida pelas Aves, pois não são encontrados muitos trabalhos ditos científicos na literatura especializada ao nosso alcance. Devemos admitir, contudo, que dentro do tema em estudo, observamos que as aves seriam melhor utilizadas nas *Atividades Assistidas pelos Animais (AAA)* do que na terapia propriamente dita, tal como ocorre na TAA.

- **Da presença do canário como ave doméstica**

Lucas Soto (1955), em seu livro “*El canario y demás aves canoras*”, observa a transformação que ocorreu, quando a criação desses pássaros deixou de ser um passatempo e ganhou uma situação de exploração industrial com a utilização de métodos científicos e racionais. Considera o **canário** preferencial, em relação a outras aves de gaiola quanto à sua criação propriamente dita, seleção, reprodução e cuidados. Menciona, também, outras espécies entre as quais o papagaio, cacatua e o periquito que se adaptam bem à vida doméstica. Em capítulo, especialmente, dedicado à educação do canário, nos fala do adestramento utilizando-se letras do alfabeto e cartolina colorida e revela que esses pássaros eram capazes de se deixar cair rígidos no solo, levantando-se logo, em seguida, quando então punham-se a cantar. Os treinadores lhes ofereciam petiscos como prêmio, após a apresentação das aves.

- **Dos benefícios da convivência do tutor com as aves**

Já em 1985, o professor Jefferson Andrade dos Santos, médico veterinário Professor Emérito da Universidade Federal Fluminense, nos falava sobre a importância da criação do canário, ave já considerada doméstica que se constituía fonte de trabalho e renda para pessoas com certas limitações físicas.

Lembramos, por exemplo, da criação de **canários** realizada por um jovem que ficou paraplégico em virtude de um acidente. Transformou-se num criador de canários, fato que contribuiu para melhorar a sua qualidade de vida. Ele entrou como sócio de um Clube de Criadores de Canários fez novos amigos, passou a participar de campeonatos nas competições de canto e de porte dessas aves, tendo sido premiado diversas vezes. Ele monitorava a criação, cuidava dos acasalamentos, gerenciava as trocas de pássaros com outros criadores e a venda de canários com os quais conseguia ter algum rendimento.

Por outro lado, Godoy & Denzin (2007) ressaltam, também, o uso de pássaros (**canários**) no trabalho pedagógico com crianças em projeto sobre *ANIMAIS NA ESCOLA*, baseado em princípios pedagógicos auxiliares da aprendizagem com a busca da inserção dos animais no espaço escolar, quando as AAA podem conduzir a resultados satisfatórios.

Entre as aves, o contato com **calopsitas e periquitos australianos** na TAA, por exemplo, está sendo usado para favorecer a motricidade fina. Admite-se que estas espécies vêm se destacando pela sua rápida interação com os humanos e, também, pelo fato de serem adestradas com relativa facilidade. Além disso, o colorido das suas penas proporciona um belo visual, que encanta aos que lidam com elas. Se levarmos em conta o pequeno espaço nas residências, a facilidade de limpeza dos excrementos dessas aves, os sons por elas emitidos que não trazem maiores incômodos à vizinhança e alegam seus donos e, considerando-se, ainda, a economia com os gastos na sua alimentação, devemos analisar a possibilidade de maior utilização desses animais na TAA como auxiliares da aprendizagem tanto para crianças sem problemas como, também, para aquelas que requerem uma educação especial (SCHARRA, 2011).

As aves são excelentes companhias e animais de estimação. Por isso, fazem parte, também, da Terapia Assistida com Animais, uma técnica

cientificamente comprovada, que utiliza o animal como um facilitador nas relações interpessoais. A TAA com aves ajuda na qualidade de vida dos pacientes, tanto nos aspectos físicos quanto mentais e cognitivos e, agora passou a ser utilizada com crianças (PRADO, 2019).

Ainda se tratando da utilização das aves na TAA, Prado (2019) esclarece que **ararajubas, periquitos australianos e calopsitas** são mais fáceis de lidar, pois são considerados carinhosos com as crianças e aceitam bem o adestramento. A autora lembra que o papagaio é muito temperamental, característica essa que requer cuidados especiais no trato com as pessoas com as quais não está acostumado. Quanto às patologias a serem trabalhadas nos dá como exemplo, a paralisia cerebral, o hiperativismo e as atividades com deficientes visuais e auditivos, entre outras.

Segundo Roberta Araújo, coordenadora do projeto “Pelo Próximo”, as **calopsitas** atuam junto aos idosos, nos exercícios propostos pelos profissionais de fisioterapia, facilitando os movimentos, favorecendo a motricidade fina, a motricidade global e atuam na respiração e no equilíbrio. Na área da Fonoaudiologia elas estimulam a produção e reprodução de sons; no campo da Psicologia, atuam diminuindo a ansiedade, a dor e a depressão. Na verdade, os benefícios proporcionados por essas aves se estendem, também, às mais diversas faixas etárias. Disponível em: <http://portalmelhoresamigos.com.br/aves-e-idosos-na-taa-uma-relacao-mutuamente-benefica/>

- **Das espécies de aves nativas e a atuação do IBAMA**

Ainda comentando sobre os aspectos psicossociais da convivência de idosas com animais de estimação, Chaves et al. (2009) destacam no resultado da pesquisa a preferência pela companhia do cão. E, entre aquelas que deram preferência às aves, houve predileção **pelo papagaio**. Ficou evidente a recusa de algumas idosas em participar da pesquisa, temendo a ação do IBAMA, quando poderia haver a apreensão dos animais por se tratar de espécie silvestre nativa.

Lembramos que entre as aves silvestres a **coruja suindara** vem sendo utilizada como coterapeuta segundo Bittencourt (2017), no tratamento para autistas, e tem apresentado resultados satisfatórios, não só na realização de exercícios de coordenação motora, como, também, na possibilidade de facilitar o contato visual entre a criança autista e a ave, dada a disposição dos olhos nesta espécie aviária. O treinamento deve ser feito de modo a evitar que o movimento das asas, as garras e os bicos possam ferir as pessoas que lidam com esses animais. A autora ressalta também os cuidados a serem tomados para cumprir as exigências do IBAMA, quanto à utilização das aves silvestres na Terapia Animal Assistida por Corujas.

Chelini (2016) ressalta três situações para as quais o profissional da área de TAA deve estar atento no trato com aves, que podem dificultar a sua utilização como coterapeutas. As zoonoses aviárias são de diagnóstico mais difícil e um dos motivos apontados seria o pequeno número de médicos-veterinários atuantes neste campo da patologia; as pesquisas sobre o comportamento das aves, assunto que ainda não foi tão bem estudado como ocorre em outras espécies animais tais como no cão, cavalo, etc. ; e, finalmente, as exigências do IBAMA quanto à captura ilegal de aves nativas, fato este que restringe as atividades terapêuticas desenvolvidas com essas espécies.

2.2. Da interação aves / tutores

Adotaremos o termo tutor, uma vez que foi aprovado pela Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Câmara dos Deputados, no dia 07 de dezembro de 2016, o parecer do deputado federal Ricardo Tripoli ao Projeto de Lei do 3670/2015, de autoria do senador Antonio Anastasia, que determina que os animais não sejam considerados coisas. Ressaltamos, contudo, que durante a construção dos dados empíricos, a utilização do termo dono, referindo-se à posse de animais, foi mais frequente, seguida pela noção de mãe ou pai aplicado aos pets e, por último, a utilização do termo tutor (ABONIZIO & BAPTISTELLA, 2016)

- **Do relacionamento com as aves e o viés terapêutico**

A observação da relação das aves com os seres humanos, sob um viés terapêutico, nos direciona para a pesquisa efetuada por Hart (2010) na literatura em questão, quando que se

refere ao tratamento para depressão em indivíduos idosos e registra a indicação do contato dos doentes com as aves de estimação. É mencionada, também, a presença de homens com atividade em aviários que mostraram bons resultados na recuperação da depressão quando comparado ao grupo que não interagiu com as aves. Foi, também, observada melhora nas relações familiares desses pacientes, quando comparados àqueles que não lidaram com as aves. E num centro de reabilitação, bons resultados são mencionados em idosos depressivos que lidaram por um período de 10 dias com um **periquito** que vivia numa gaiola.

Um fato interessante que merece ser lembrado, quando falamos de aves, refere-se ao trabalho desenvolvido pelo presidiário norte-americano Robert Stroud que se dedicou na prisão ao estudo das doenças de **pássaros** e escreveu um livro que viria a dar origem ao filme “O Homem de Alcatraz”. Dois fatos devem ser considerados, quando analisamos o trabalho realizado por esse homem: de um lado, a sua contribuição ao estudo das doenças dos pássaros no campo da patologia que viria ajudar aos criadores, médicos veterinários, estudantes de veterinária, zoólogos, avicultores e, em particular, aos criadores de canários. Por outro lado, somos levados a admitir a relação afetiva que teria se estabelecido entre um criminoso condenado à prisão perpétua e os **canários**. E pensamos o quanto o contato que se estabeleceu entre essas criaturas pode ter contribuído para melhorar a qualidade de vida do presidiário que viveu 54 anos na prisão. E, os experimentos realizados por Stroud sobre patologia aviária, abriram caminho para o tratamento dos canários doentes, aliviando o sofrimento causado pelas enfermidades que acometiam esses pequeninos animais. Manucci (2005) refere-se às pesquisas realizadas nos Estados Unidos sobre o uso de animais em manicômios criminais e prisões que vem reduzindo os estados de tensão e a agressividade dos internos.

Nossos estudos sobre a interação sócio-ambiental com idosos e aves, nos revelam que a atividade exercida por animais (AAA) pode também trazer benefícios à reabilitação de alguns doentes. Assim, o papel das aves na interação homem X animal, num caso de afasia decorrente de um aneurisma cerebral em paciente idoso, contribuiu, de modo satisfatório, para a sua recuperação e transformação sócio-cultural. O “ato de cuidar” de pássaros realizado pelo idoso afásico conduziu à diminuição da ansiedade, melhora do humor e comunicação mais satisfatória. Sem dúvida alguma, houve melhora evidente na saúde física e mental do idoso.

Dotti (2014) sugere a presença de animais nas instituições geriátricas, tendo em vista os benefícios que os animais podem trazer para os idosos. Uma de suas ideias é que haja um viveiro de pássaros que possam ser apreciados pelos internos e que esses animais sejam, também, alimentados por eles. Assinala, contudo, que os idosos podem não ter muita paciência para cuidar dos pássaros, pois esta é uma atividade na qual há a possibilidade de ocorrerem algumas dificuldades para as pessoas mais velhas.

Aliás, em nosso artigo sobre as “aves terapêuticas”, relatamos o encantamento que um viveiro, onde viviam **Agapornis**, exercia sobre uma idosa que até mesmo se comunicava com estas aves de uma forma natural, fato que não acontecia com outros seres humanos. Infelizmente, a demência dessa interna impedia que ela manuseasse as aves, portanto, a tarefa do manejo da criação ficava prejudicada.

Durante algum tempo, verificamos que a atividade de criar **codornas** foi extremamente benéfica para uma senhora idosa, que já estava começando a apresentar sintomas de demência. Ela cuidava das aves, limpava seus ninhos, coletava os ovos e os armazenava em recipientes apropriados. Era fácil de perceber a satisfação e a alegria que sentia, quando levava os amigos para conhecer sua pequena criação. Era capaz de passar horas no quintal da sua casa cuidando das codornas.

- **Das controvérsias no relacionamento das aves com os seus tutores**

A cada dia que passa, as aves vão se tornando animais de estimação ou animais de companhia para pessoas de diversas faixas etárias. Pequenas atitudes podem ser observadas no relacionamento com a família que comprovam o afeto, o carinho, a amizade e, até mesmo, o amor que pode existir entre o ser humano e as aves. Um bom exemplo ocorreu com um **periquito australiano**, que sempre “regurgitava” para sua tutora, quando ela se aproximava. E ela se preocupava, imaginando que a avezinha estava vomitando, quando, na verdade, ela regurgitava. Conforme sabemos a regurgitação é um processo normal utilizado por algumas espécies de aves para alimentar seus filhotes. O conteúdo retido no papo dos pais, é oferecido aos recém-nascidos, apresentando componentes nutritivos importantes para o desenvolvimento dessas aves. No caso dos pombos, por exemplo, recebe a denominação de “leite do papo”.

Um fato ocorrido, há muitos anos atrás, mas que deve ser mencionado é que o desejo que muitas pessoas têm de possuir um pássaro cantor. Esse desejo os leva a realizar grandes sacrifícios, inclusive financeiros, para realizar seu sonho. Lembro bem o quanto o tutor de um bicudo estava preocupado com a grave enfermidade que seu pássaro sofria e a possibilidade da sua morte precoce. Um dos motivos da sua preocupação era a perda do amigo dada à dedicação que tinha por ele, e o outro motivo ele confessou muito aflito, ou seja, ainda estava devendo algumas prestações da compra daquele bicudo e a sua esposa não sabia dessa dívida. Era um segredo que ele guardava.

Do mesmo modo que ocorrem manifestações de amizade entre as aves e os humanos, percebemos que o oposto, também, pode acontecer, ou seja, as antipatias podem ficar bem evidentes neste relacionamento. Um menino de 10 anos pediu aos pais como presente de aniversário um **papagaio**. E assim foi feito. Porém, o que todos não esperavam aconteceu, isto é, a avezinha detestou seu pequeno tutor que ficou com os braços feridos por causa das bicadas recebidas. Ninguém nunca soube explicar por qual motivo a única pessoa com a qual o papagaio se relacionava bem era a cozinheira da família. Entendiam-se como se já se conhecessem há longo tempo.

Os **papagaios** podem ser bastante imprevisíveis, quando se trata de se relacionar com os humanos. Numa tarde de domingo, nossa família foi convidada para o aniversário de um amigo do meu pai. Este senhor era dono de uma pensão e tinha um papagaio de estimação que vivia solto, caminhando e voando pela casa entre os hóspedes. Porém, Louro (assim era chamado) mantinha, sempre, uma certa distância das pessoas, não admitindo grandes intimidades, exceto com seus tutores. Em plena festa, quando estavam todos reunidos ao redor da mesa de aniversário, Louro subiu no encosto da cadeira e, rapidamente, alcançou o ombro da minha irmã repetindo alegremente: - Oi, morena bonita! - Oi, morena bonita! Ainda hoje, já passado tanto tempo, nos perguntamos por que ela teria sido escolhida? Seria a cor da roupa que ela usava, um vestido listrado de vermelho, que teria atraído o papagaio? Era uma menina de aproximadamente 10 anos de idade e ficou com a pele do ombro arranhada pelas unhas do Louro, enquanto ele tentava, alegremente, se firmar para não cair. Este é um fato a ser considerado, quando utilizamos aves na IAA, ou seja, as unhas pontiagudas imprescindíveis para a sua segurança podem causar ferimentos na pele das pessoas. E devemos atentar, quando

isso ocorre com idosos que pelas características próprias da sua pele mais frágil, com menor elasticidade e mais seca, podem padecer com lesões mais graves.

Ainda falando de **papagaios**, este relato nos mostra o temperamento difícil dessas aves que parecem ser capazes de lembrar até mesmo de supostas maldades praticadas contra elas. Sr. Pedro, um idoso, já, na faixa dos 80 anos, era tutor de um papagaio há longo tempo. Limpava a gaiola, cuidava da alimentação, mudava a ave de lugar para evitar vento, chuva, sol quente e conversava com o amigo como se fosse uma pessoa. Um dia percebeu um problema no poleiro e, ao usar um alicate para substituir o parafuso defeituoso, sem perceber, feriu o bico da ave que, curiosa, supostamente, tentava cooperar com o amigo nos reparos da sua velha gaiola. O susto e a dor provocada pelo ferimento foram capazes de afastar os dois companheiros por um longo tempo. O perdão custou a chegar. Vários meses se passaram até que o relacionamento entre ambos voltasse ao normal.

Lourinho era um **papagaio** meigo e tranquilo. Diariamente, pela manhã e à tarde, seu tutor passeava com ele que se posicionava no ombro do amigo e caminhavam pela casa e no quintal. Nas férias, o tutor viajou e passou uma semana longe do papagaio. Quando retornou do passeio e tentou se comunicar com Lourinho, observou que ele não quis sair da sua gaiola. E o mais interessante é que se colocava no poleiro, sempre, dando as costas para o tutor. Era como se quisesse dizer ao amigo que não queria, nem mesmo, olhar para ele. Parece-nos que esse comportamento sugere que ele se sentiu solitário, abandonado pelo amigo. Imaginamos que ele ficou triste. Aliás, na patologia aviária, há referência sobre as aves que se sentem solitárias. Geralmente, quando há a separação dos companheiros, principalmente, em casais pode ocorrer um comportamento que se caracteriza pelo autobicamento (arrancamento) das próprias penas, levando a um quadro de alopecia que é mais comumente observado em psitacídeos (agapornis, maritacas e outros).

Este fato, que relatamos a seguir, ocorreu na década de 50 e conta a história de um **frango de estimação**. Seu nome era Pinajé. Nessa época, nas grandes cidades, os frangos destinados ao consumo, de um modo geral, eram vendidos no comércio dos bairros em pequenos abatedouros e, ali, eram comprados de acordo com a escolha do cliente. Pinajé foi comprado e colocado em um gaiolão, enquanto aguardava o dia do seu abate na casa da família que o comprara. Mas, quis o destino que ele ficasse doente, exatamente, naquele fim de semana.

Começou com problemas respiratórios, infecção em um dos olhos e foi tratado pelo dono da casa, um dentista. Foram semanas de tratamento e o tempo necessário para que todos da família se apegassem a ele. Era manso e humilde. Rapidamente, após a sua recuperação, ganhou a liberdade e teve autorização para ficar solto no quintal. Passava muitas horas deitado, quietinho na cozinha, acompanhando a movimentação da cozinheira. O suposto abate jamais aconteceu. Quem teria a coragem de matar Pinajé??? Ele já era considerado um animal de estimação. E, em pouco tempo, transformou-se num galo adulto e bonito e toda a família pensava numa solução acertada para aquele novo amigo estimado por todos. Ele era calmo e tranquilo, mas sua presença trazia um grande inconveniente, ou seja, seus excrementos se espalhavam pela cozinha onde passava a maior parte do tempo e, também, na extensa área que cercava a casa. Certo dia, um primo, que morava no interior de Minas, convidou os parentes para seu casamento e Pinajé, depois de muita discussão, seguiu junto com os presentes de casamento. Foi colocado numa grande caixa de papelão onde havia um recorte que permitia que ele movimentasse a cabeça para fora a fim de apreciar o que se passava ao seu redor. Um caminhoneiro amigo levou Pinajé na boleia do seu caminhão. Houve choro na despedida do galo de estimação, mas as crianças compreenderam que essa seria a melhor solução. Ele seria responsável para iniciar a criação de frangos na nova residência dos noivos.

Como ainda faltavam muitos dias para o casamento, ficou decidido que Pinajé, agora, um belo galo branco, passaria uns tempos na velha fazenda dos pais do noivo até que o galinheiro da nova casa ficasse pronto. E, ele, preferia ficar na cozinha, tal como fora acostumado, tomando conta da cozinheira e dos petiscos que, volta e meia, lhe ofereciam ali perto do fogão. Logo após sua chegada, dona Alzira, a mãe do noivo, se encantou com o galinho simpático e logo ficaram amigos. Mas, ela percebeu que, ao anoitecer, ele não sabia procurar abrigo no galinheiro localizado no fundo do quintal, tal como as outras aves faziam ao chegar o final do dia. E, para ensinar Pinajé, ela, ao cair da tarde, o levava nos braços para o galinheiro. De manhã, quando as portas eram abertas, as aves saíam todas correndo, ao mesmo tempo, em busca da liberdade e do alimento. E, Pinajé, acompanhava o grupo e corria, também, mas, pouco tempo depois, retornava, espontaneamente, para a cozinha da fazenda onde preferia passar o dia.

Finalmente, após as núpcias, ele foi levado para a nova residência. Lá, constituiu família e teve uma bela prole. Mas, não abandonou o hábito de visitar a fazenda, e entrar na cozinha à procura da sua amiga Alzira. E, durante longo tempo, seguiu a trilha que o levava até a velha

fazenda. Enfrentava uma subida íngreme e, inclusive, tinha que atravessar um pequeno córrego para alcançar seu destino. De tantas fez o insistente Pinajé que, certa vez, foi salvo de morrer afogado pela correnteza numa tarde, após uma chuva forte de verão, quando, o córrego ficou muito cheio. Felizmente, um empregado da fazenda passava no momento e o retirou das águas revoltas. Hoje, analisando sua história de vida, podemos considerá-lo como um verdadeiro amigo da velha Alzira que, sempre, demonstrava grande alegria, quando Pinajé vinha para visitá-la.

Conhecemos vários casos de amizade entre o tutor e a ave, quando existe amor, carinho, dedicação e afeto entre eles, mas ouvimos poucas referências às brincadeiras marotas realizadas pelas aves. Contam que Cocota, um psitacídeo, que vivia num poleiro localizado no portal da cozinha de uma fazenda no norte fluminense, se divertia em tirar o chapéu do seu tutor, quando ele chegava da lavoura. Dizem que ele vinha da roça cansado, suado e com fome. E, ao cruzar a soleira da porta, Cocota lhe roubava o chapéu, enquanto dava gargalhadas para festejar sua má ação. Irritado, ele esbravejava e a avezinha parecia se divertir com a gritaria do seu tutor. Ela lhe pregava uma peça e fazia troça dele.

Alfredo representa um outro caso em que o **papagaio** se divertia com o desespero da família nos dias de jogo de futebol entre o Vasco e o Flamengo. Isso ocorria, porque todos, naquela casa, torciam pelo Vasco e poderíamos mesmo considerá-los “vascaínos doentes”! Sem que se saiba como ocorreu, Alfredo aprendeu a gritar na hora do jogo com todas as suas forças o nome do Flamengo. Ao escutar o grito do gol, proferido pelo locutor esportivo, ele participava da festa, gritando o mais alto que podia: - Viva o Flamengo!!! E, assim, parecia se divertir, contribuindo para aumentar a irritação daquela família.

- **Do sonho de possuir uma calopsita adestrada**

A vida no interior do estado permitiu que Vanilda crescesse ao lado dos animais. Passado o tempo, já idosa, na faixa dos seus 75 anos, desejou ganhar uma **calopsita** adestrada capaz de cantar e dançar. Ao receber o pagamento de uma dívida, após muitos anos de espera, ela decidiu usar o dinheiro que lhe foi pago para comprar “Grego”, a calopsita, dançarina e cantora cujo repertório incluía, até mesmo, a música sertaneja que ela tanto apreciava. Grego trouxe muita alegria à idosa, pois um grande desejo que ela guardava há muitos anos se

concretizou. Já, passado tanto tempo, todas as manhãs, elas, ainda, cantam juntas. Ela cuida da calopsita e das outras aves da casa, conversando e cantando com elas, enquanto limpa suas gaiolas e lhes dá sementes e frutas para sua alimentação.

Os casos que se seguem onde relato curiosidades sobre o relacionamento das aves com seus tutores, fazem parte do primeiro capítulo de um pequenino livro que escrevi em 1987 sobre os cuidados com as aves de estimação (SCHARRA, 1987).

Um comportamento das aves de estimação, que muito orgulha os seus tutores, é a capacidade que elas têm de pressentir sua chegada, mesmo quando eles, ainda, não estão dentro do seu campo visual. Ouvimos relatos que confirmam este fato. Num deles, nos foi revelado que um **melro** era capaz de reconhecer o ruído do motor do carro do seu tutor. Quando isso acontecia, ele piava e cantava de modo diferente, demonstrando a alegria pela aproximação do seu amigo.

Por outro lado, algumas atitudes das aves podem demonstrar intolerância, irritação, e por que não pensarmos até em “ciúme” do seu tutor? Um **cã-cã** de estimação adquiriu o péssimo hábito de se autobicar até provocar sangramento, quando uma amiga da sua tutora, de apenas 12 anos, chegava para visitá-la.

E a grande dúvida que acompanha os tutores é a capacidade que as aves de estimação têm para entender o que falamos com elas. Ao final da consulta de um **periquito australiano** que ficou solto, durante todo o tempo do atendimento, fiquei surpresa, quando ao ouvir a ordem do tutor para retornar ao interior da gaiola, ele o obedeceu prontamente. E, não menos surpresa, fiquei em outro atendimento, ao ver a alegria de um **sanhaço**, que era capaz de modular seu canto, imitando a melodia emitida por outra espécie de ave diferente da sua, quando sua tutora solicitava.

Um fato que, ainda hoje, passados quase 40 anos, me traz saudade ocorreu com uma rolinha que chamávamos de Magali. Veio pequenina, filhote ainda, e bem doentinha. Com o tratamento que recebeu, transformou-se numa rolinha adulta, bonita e inteligente. Tinha uma gaiola que ficava pendurada nas árvores do quintal, sempre, com as portas abertas para que ela pudesse entrar e sair à vontade. Durante o dia, Magali entrava e saía da gaiola, mas, ao cair da

tarde, ia embora com as outras rolinhas do seu grupo. No dia seguinte, elas retornavam junto com os pardais para ganhar o alimento, que meu marido fazia questão de distribuir logo de manhã. E, como era agradável para nós a presença daquelas avezinhas alimentando-se e correndo de um lado para o outro no telhado. Foi, então, numa dessas ocasiões em que nós as observávamos, que ele me perguntou curioso como eu conseguia distinguir quem era a Magali no meio de tantas iguais a ela. E eu lhe respondi: “- É muito fácil, quer ver?” Caminhei até o meio do quintal, bem próximo ao local onde elas estavam e gritei: - “*Onde está a minha querida?*” Magali deixou o grupo, veio correndo até o beiral do telhado e, lá de cima, balançou todas as penas do corpo como se quisesse dizer:- “*Eu estou aqui!*”

- **As aves e a Segurança Aeroportuária, um novo tema a ser abordado**

Até aqui, nos limitamos a comentar a relação entre as aves, os cães e os seres humanos, considerando o viés terapêutico ou, até mesmo, educacional, conforme já foi discutido anteriormente. Contudo, vale a pena tecermos considerações sobre um tema mais novo e, ainda pouco, conhecido ou, até mesmo, discutido pelos pesquisadores, ou seja, a interação que ocorre, por exemplo, no campo da Segurança Aeroportuária em que aves do grupo dos Falconiformes estão sendo utilizadas para prevenir riscos de colisões de outras espécies aviárias, tais como: quero-quero, garças, carcarás e urubus com os aviões nas cercanias de aeroportos, conforme ocorre no Aeroporto Tom Jobim, no Rio de Janeiro.

O trabalho com falcoaria e cães iniciou há 4 anos e, desde 2015, o número de colisões diminuiu 30%. Foram 109 em 2015, 74 em 2016 e 76 até novembro de 2017, segundo dados da Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes aeronáuticos (Cenipa). O manejo de fauna é feito por um grupo de 15 profissionais da biologia e veterinária. As aves de rapina - falcões e gaviões -, que são caçadoras naturais, são treinadas para afugentar e capturar urubus, carcarás e garça branca, e não matar. Já, os cães, da raça pointer inglês, são adestrados para farejar e identificar ninhinhos, filhotes e carcaças, que são recolhidos pela equipe. As aves capturadas passam por exames e catalogadas, depois são soltas no Parque Natural de Gericinó, em Nilópolis, na Baixada Fluminense. Disponível em:

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-12/entorno-da-baia-de-guanabara-tera-mapeamento-de-aves-para-evitar-acidente>

Cada vez mais, a presença dos animais no nosso dia a dia, sejam eles de espécies domésticas ou silvestres, nos proporcionam benefícios e realizam, conforme nos informa Dotti, (2014) um trabalho precioso. São seres de extrema sensibilidade, dignos de nosso respeito e com grande capacidade para nos ajudar.

A notícia dada sobre o trabalho das aves de rapina na prevenção de acidentes aéreos, provocados por outras espécies aviárias em aeroportos, vêm nos mostrar que a contribuição dos animais ultrapassa os limites da área terapêutica, tal como ocorre na TAA, mas alcança, também, o campo da defesa da vida humana, quando prevenindo acidentes aéreos, tais como as, já, citadas colisões tão comuns nas cercanias dos aeroportos, qualificam os falconiformes como defensores da integridade física do homem, zelando pela sua vida e bem-estar.



PARTE 3 - Estresse das aves

Uma ave canta, geralmente, por dois motivos, atrair seu par ou defender território. Isso o fará em qualquer condição, cativo ou vida livre e para o mesmo objetivo. Vejo algumas pessoas dizerem que o pássaro “canta de tristeza” ou que as aves estão “tristes” nas gaiolas. Então, de onde vem a “impressão” das pessoas de que os animais em cativeiro estão estressados ou “tristes”?

Sabemos que a liberdade é uma das necessidades fundamentais do ser humano e este dogma é, simplesmente, transferido aos animais. Imagine se um animal sonha ou anseia estar nas planícies do Pantanal sem nunca ter estado lá! Isso não acontecerá e o animal, geralmente, tem uma capacidade bem menor de entender o mundo que o cerca, avaliando, sempre, o que está ao seu alcance e visão. O mundo deles é bem mais simples e basal que o nosso e, interpretar a mente dos animais como se fosse a nossa mente, é um erro que, geralmente, leva a problemas aos próprios animais (DUARTE, J.M.B, 2018).

O estresse é um dos problemas mais comuns que pode ocorrer com as aves, sejam elas de companhia (de estimação), aquelas criadas no cativeiro em zoológicos, em criadouros comerciais e, até mesmo, em granjas de produção avícola. Esse mal que afeta, também, os seres humanos podem ser explicados como uma resposta fisiológica do organismo animal às situações desagradáveis que enfrenta e que representam ameaças ao seu equilíbrio.

Limongi França (2009),, contudo, nos fala que, ao compreendermos o fenômeno do estresse no homem, chega-se à conclusão que ele pode ser, também, um recurso útil para se enfrentar as situações da vida. Pode ser mesmo considerado de fundamental importância, ajudando o ser humano a sobreviver e a enfrentar às ameaças que possam surgir ao longo da sua existência.

✓ **Cuidados para evitar o estresse no manejo das aves**

Então nos perguntamos: quais os cuidados a serem tomados para evitar o estresse no manejo das aves de estimação ou de companhia que são, neste momento, as que mais nos preocupam, em se tratando da sua atuação como participantes nas IAA?

Podemos, inicialmente, lembrarmos-nos dos cuidados adotados na rotina do manejo desses animais, tais como:

- da alimentação adequada e farta;
- da água fresca, sempre à disposição das aves;
- da gaiola com dimensões apropriadas à espécie aviária e colocada em local fresco, porém sem correntes de vento ou com calor excessivo;
- o respeito ao sono noturno e, até mesmo, aos “cochilos durante o dia”;
- o banho de sol que deve ser opcional respeitando-se a vontade da ave;
- a possibilidade de realização de exercícios físicos para que possam exercitar o voo se assim o desejarem;
- evitar a presença de animais ou, até mesmo, crianças que possam assustar as aves.

É, porém, importante que elas tenham sempre a companhia das pessoas amigas com as quais possam interagir, evitando a solidão. A interação entre as aves e seres humanos deve ser benéfica para ambas as espécies, melhorando sua qualidade de vida.

✓ **Do estresse provocado pelas IAA**

E, voltamos a nos perguntar, quanto ao estresse provocado nas aves *durante as atividades das IAA*. Que cuidados devem ser tomados para evitá-lo? Sabemos que, numa pesquisa realizada por Duarte (2018), a medida do estresse foi utilizada como a forma de termos uma indicação sobre a *qualidade do manejo de animais* que estão vivendo em cativeiro. Para essa avaliação é feita a dosagem do hormônio cortisol

liberado pela glândula adrenal, permitindo a avaliação do estresse. Desse modo, o cortisol sanguíneo ou seus metabólitos eliminados, através das fezes, podem revelar os níveis de estresse em várias espécies animais.

Na Cinoterapia (terapia que utiliza cães), a avaliação fisiológica e comportamental de cães utilizados na TAA, por exemplo, em pesquisa realizada por Yamamoto et al. (2012) foi analisada através das dosagens do cortisol sérico e salivar, da medida da pressão arterial sistólica, da temperatura retal, e das frequências cardíaca e respiratória. Os resultados encontrados revelaram que, aparentemente, a TAA, nesses animais, não estaria interferindo de forma negativa, portanto, a avaliação efetuada não revelou prejuízo para a saúde dos cães.

O experimento realizado por Duarte (2018) com quatro grupos de papagaios que viviam em vida livre, em zoológicos, em criadouros comerciais e como animais de estimação, revelou que este último grupo, ou seja, os papagaios, mantidos como mascotes ou animais de estimação em poleiros ou gaiolas isolados, foram aqueles que apresentaram os menores resultados quanto ao nível de cortisol encontrado. A dosagem do cortisol foi feita, através dos metabólitos que são eliminados nas fezes, portanto é uma técnica considerada não invasiva, que não expõe as aves a estresse adicional.

Se levarmos em conta que, no caso da utilização das aves em IAA, esses animais pertencem ao grupo das aves de estimação ou companhia, podemos concluir que a observação do seu comportamento, na realização das atividades propostas nos asilos, orfanatos, hospitais, casas de repouso etc, pode nos fornecer indicações do nível de estresse que essas aves possam estar sofrendo.

Podemos, portanto, no caso do estresse das aves de estimação ou companhia, considerar duas situações:

a) estresse causado por *problemas da criação* propriamente dita, quanto ao manejo inadequado dessas aves, que já foram, anteriormente, comentados.

b) estresse que se manifesta *durante as atividades*, (IAA) quando o comportamento da ave dá indicações de alguma anormalidade.

Assim, podemos deduzir que as mudanças no comportamento das aves podem nos revelar a presença de *estresse decorrente das IAA*. Desse modo temos:

- irritabilidade;
- manifestação de agressividade por parte de aves, até então dóceis que tentam dar bicadas nas pessoas que delas se aproximam;
- movimentos repetitivos dentro da própria gaiola;
- vocalização modificada com emissão de sons diferentes daqueles apresentados no dia a dia das aves;
- bicagem das penas com arrancamento das mesmas em si próprio e nos companheiros, muitas vezes causando sangramento;
- tentativa para alçar voos mais altos do que os costumeiros que podem provocar acidentes graves.
- não podemos deixar de lembrar o papel das pupilas que se dilatam ou contraem dependendo da situação que as aves estão enfrentando, seja de curiosidade, irritação, interesse em algum alimento em especial, raiva, proximidade de animais estranhos, sinais esses que podem ser facilmente observados, principalmente, em psitacídeos (papagaios). Eles são indicativos de um possível estresse e podem realmente se manifestar durante as Intervenções assistidas pelas aves (IAA).

É recomendável que os tutores estejam atentos às alterações do comportamento dos animais, enquanto lidam com o público. Algumas vezes, a sede, a fome, o calor excessivo, o barulho intenso no local onde ocorrem as atividades, provocam reações que exigem das aves um grande esforço de adaptação (síndrome de adaptação) que lhes é prejudicial, influenciando, negativamente, à sua qualidade de vida.



PARTE 4. Zoonoses aviárias

As aves, tal como ocorre com outros animais, são capazes de transmitir doenças e a sua presença, ao lado do homem, ocupando o lugar de animais de estimação, propicia uma relação mais íntima entre eles que pode, ocasionalmente, ser responsável pelo surgimento de infecções das mais variadas. Os grupos mais expostos às enfermidades, por exemplo, seriam as crianças, os idosos, gestantes e doentes imunodeficientes. Portanto, o conhecimento de medidas preventivas para evitar as zoonoses é imprescindível para aqueles que pretendem lidar com *pets*, seja como animais de companhia, seja nas atividades terapêuticas (TAA, AAA, EAA e IAA), em hospitais, orfanatos, asilos, casas de repouso, escolas, etc. É desejável que os riscos à saúde humana sejam os menores possíveis para que a convivência entre aves e humanos traga benefícios a ambos os lados, pois como nos informam Torres et al. (2016), a proximidade do ser humano com animais domésticos e silvestres aumenta a probabilidade de transmissão de doenças zoonóticas.

Os pássaros são os animais exóticos domésticos mais comuns nos Estados Unidos, sendo que 6,4 milhões de lares têm, pelo menos, um pássaro. Psitacose, ornitose ou clamidiose é causada pela bactéria *Chlamydia*, presente em 40% dos pássaros. Os seres humanos são considerados hospedeiros acidentais. Estudo revelou que 90% dos pacientes com psitacose foram expostos a pássaros. O contato com pássaros infectados e suas excretas foram documentados em mais de 60% dos casos de psitacose em humanos na Alemanha, constituindo doença de notificação compulsória (ESTEVAM & JOB, 2016).

Estevam & Job (2016) nos falam das zoonoses como doenças de ampla distribuição mundial, transmitidas por animais domésticos exóticos ou por espécies silvestres. Vários são os agentes etiológicos das zoonoses, entre os quais temos: vírus, bactérias, fungos, protozoários, helmintos e artrópodes.

Zoonose é uma infecção ou doença infecciosa transmissível, sob condições naturais, de homens a animais e vice-versa, é o que nos dizem Silva, Brandespim e Pinheiro Jr. (2017). Eles destacam, entre as zoonoses causadas por aves, as seguintes enfermidades: Ornitose / Psitacose, Criptococose, Influenza ou Gripe aviária.

Em pesquisa realizada por Araújo, Carvalho e Albuquerque (2000), sobre as zoonoses transmitidas por pombos figuram: Salmonelose, Ornitose, Criptococose, Toxoplasmose, Histoplasmore, Encefalite letárgica e Psitacose. Entre elas, estes autores consideram de grande interesse sanitário e mais frequentes a Salmonelose, Criptococose Toxoplasmose e Histoplasmore.

No quadro que se segue apresentamos as principais zoonoses das aves

✓ QUADRO EXPLICATIVO DAS PRINCIPAIS ZOOSE AVIÁRIAS

ZOOSE AVIÁRIAS

Quadro Explicativo – FONTE *

Doença	Agente etiológico	Espécie aviária	Transmissão	Sinais e sintomas no homem
Gripe	Vírus Influenza	Papagaios, canários, galinhas, aves aquáticas, aves migratórias	Respiratória	Febre, infecção nas vias aéreas superiores, tosse, mialgia, sintomas no trato gastrointestinal
Doença de New Castle	Paramyxovírus	Pássaros, papagaios, frangos, galinhas	Secreções respiratórias ou fezes, ingestão, inalação	Conjuntivite, laringite, calafrios, febre, letargia
Febre do Nilo Ocidental	Vírus do Oeste do Nilo	Corvos, aves de rapina, passeriformes e psitacédeos	Culex	Febre súbita, mal-estar náuseas, vômitos, erupção cutânea linfadenopatia e dor retro-orbital
Salmonelose	Salmonella gallinarum, Salmonella pullorum, Salmonella typhimurium, Salmonella enteritidis e Salmonella heidelberg	Aves de um modo geral, principalmente passeriformes, psitacédeos, columbiformes,	Aves (galinhas e perus) são a maior fonte de infecção para o homem. Grande importância em Saúde Pública.	Febre súbita, dor de cabeça, náuseas, vômitos, diarreia. Podem não existir sintomas clínicos. Infecção sistêmica ocorre em imunocomprometidos.
Micobacterioses	Mycobacterium genavense Mycobacterium avium	Pássaros, psitacédeos.	Inalação, ingestão dos agentes, contato com animal infectado, tecidos e fezes	Doenças respiratórias e dermatológicas.
Clamidiose, Psitacose, Ornitose	Chlamydia psittaci, / Chlamydophila psittaci Chlamydia pneumoniae	Psitacédeos: Calopsitas, periquitos, papagaios, araras. Columbiformes.	Aerossóis de secreção respiratória e de fezes. Inalação de microorganismos	Sinais de resfriado, febre alta, calafrios, cefaleia, tosse, artralgia, inapetência. Pneumonia atípica. Infecções sistêmicas; endocardite.

			em penas e fezes secas.	miocardite, pancreatite, hepatomegalia, meningoencefalite, glomerulonefrite
Borreliose	Borrelia spp.	Aves migratórias	Carrapato	Máculas ou pápulas no tegumento; linfocitoma cutâneo, astenia, artralgia, mialgia, adenopatia, esplenomegalia, miopericardite, etc.
Febre Q	Coxiella burnetii	Pássaros	Aerossóis e ingestão. Agente compartilhado com fezes de pombo.	Febre, pneumonite, cefaléia, fotofobia, meningite, hepatite, trombose. Aborto ou natimorto
Campilobacteriose	Campilobacter jejuni	Galináceos, aves silvestres, psitacídeos, passeriformes	Ingestão de alimentos contaminados por fezes. Manuseio de carne de frango contaminada.	Doença gastrointestinal, diarreia aquosa ou sanguinolenta, cólicas. Artrite séptica, sepse, meningite, apendicite, miocardite
Pasteurelose	Pasteurella multocida	Pássaros	Picada, arranhão e por via respiratória	Feridas na pele. Bronquite, pneumonia e sepse.
Erisipela	Erysipelothrix rhusiopathiae	Galináceo doméstico ou silvestre	Contato	Afeta pele não íntegra. Ferida dolorosa e com prurido
Histoplasmose	Histoplasma capsulatum	Canários e outros pássaros, papagaios e pombos	Inalação de fezes secas contaminadas com o fungo	Febre, tosse calafrio, cefaléia, adenopatia e insuficiência respiratória aguda
Criptococose	Cryptococcus neoformans	Columbiformes, pássaros, outras aves domésticas (papagaio, arara, maritacas calopsitas)	Inalação ou inoculação cutânea	Sintomas pulmonares, meningite, encefalite
Giardíase	Giardia psittaci	Pássaros, periquitos	Fecal oral	Diarreia, cólicas, náuseas e vômito
Toxoplasmose	Toxoplasma gondii	Afeta várias espécies de aves pp Gallus domesticus	P/ consumo da carne de aves malcozida. e ovos crus. É a mais cosmoplita de todas as zoonoses.	Aborto em mulheres grávidas, doenças em fetos e indivíduos imunocomprometidos

* ESTEVAM, G. & JOB, J.R.P.P. Animais exóticos domesticados com potencial zoonótico – Revisão de literatura. **Rev.Soc. Bras. Clin. Med.** 14(2), 2016, abr-jun; p. 114-20.

* TORRES, A. C. D.; HAAS, D.J.; SIQUEIRA, N. D'A. Principais zoonoses bacterianas de aves domésticas e silvestres. **Vet. Em Foco.** v.14, n.1, 2016, jul/dez; p.47-59

* SILVA, A.T.F.; BRANDESPIM, D.F.; PINHEIRO JUNIOR, J.W. **Manual de controle de zoonoses e agravos para agentes comunitários de saúde e agentes de controle de endemias.** 1.ED. Recife: EDUFRPE,2017

✓ **Da criptococose e a convivência dos pombos com o homem.**

Segundo Moutinho et al. (2015), os pombos são fonte de incômodo para as pessoas nas mais variadas partes do mundo. Essa condição lhes é propiciada pela facilidade que estas aves têm para reproduzir e sobreviver fora do seu ambiente natural. Facilmente, se adaptam nas áreas urbanas, alimentando-se de restos de alimentos. Seus ninhos podem ser encontrados no alto dos

prédios, em igrejas e outros tipos de construções e o controle populacional dessas aves é considerado problemático, conforme foi demonstrado em trabalho de pesquisa realizado na cidade de Niterói- RJ.

Os moradores das grandes cidades estão convivendo, cada dia mais intimamente, com a presença do pombo doméstico, uma ave resistente que, facilmente, se adaptou ao Brasil, quando, aqui, chegou introduzida pelos portugueses. De tal modo, essa ave de aparência inofensiva proliferou em nosso país que, hoje, representa um problema de Saúde Pública urbana, representando uma ameaça para aqueles que convivem com ela, principalmente, pela transmissão de infecções fúngicas, entre as quais se destaca a criptococose. Estudiosos do assunto consideram que o crescimento das grandes cidades, a falta de predadores naturais, a facilidade com que se adaptam aos mais diversos tipos de alimento, garantiram a esses animais sobrevivência nos centros urbanos.

É bem verdade que encontramos, na convivência com esses animais, contrastes que merecem ser comentados. De um lado, as aves tranquilas que simbolizam religiosidade, pureza, bondade, carinho que atraem principalmente crianças e idosos. A figura de um pombo branco nos remete à Paz, simbolizando, por exemplo, no Catolicismo, a presença do Espírito Santo. A história antiga nos revela a presença desses animais nas cerimônias religiosas de diversos povos; nos dias atuais, ainda se destacam nos cardápios como alimentos requintados; nos laboratórios de diagnóstico, já, desempenharam papel considerável nas práticas para identificação de enfermidades em experimentos nas mais diversas áreas da patologia; e, nas práticas circenses, encantam a plateia, principalmente, nas apresentações que envolvem vários tipos de mágicas.

Em recente artigo da Revista Época (2019), ganha destaque uma reportagem sobre a contribuição dos pombos- correio que faziam parte da Companhia de Serviço de Pombos nº 1, do Departamento de Comunicações do Exército Americano, classificados como “pombos heróis” que teriam trabalhado em 1918 na guerra, entregando mensagens para as tropas. São considerados mensageiros comprovados e confiáveis que serviram, fielmente, ao Exército americano por meio século. Tanto na Primeira Guerra como, também, na Segunda Guerra

Mundial, nas mais diversas partes do mundo, representaram um papel de destaque nas missões que lhe foram confiadas.

Por outro lado, nos dias atuais, Moutinho et al. (2015) alertam para a proliferação excessiva dessas aves que passaram a representar transtornos de ordem sanitária para os seres humanos com os quais convivem. E, isso, vem ocorrendo com muita frequência, pois os profissionais da área da saúde, vem repetidamente alertando às pessoas sobre o perigo que os pombos representam para a população. O controle populacional dessas aves é difícil, seja pela facilidade com que encontram alimento, pela capacidade de fazer seus ninhos nos locais mais inusitados no ambiente urbano, pelo alto nível de sucesso na sua reprodução.

Resta, nesta etapa do nosso trabalho, convidar os leitores a consultar, mais uma vez, o quadro de zoonoses aviárias apresentado, anteriormente, dando especial atenção à criptococose. É recomendável, também, reler os textos reproduzidos das pesquisas sobre as doenças transmissíveis pelo contato com os pombos. Observamos que foram catalogadas quinze doenças que podem ser transmitidas **por várias espécies de aves e não, apenas, pelos pombos**. O grande problema, como já foi mencionado, está no desequilíbrio ambiental, na superpopulação dessas aves, no espaço insuficiente, nas construções urbanas que facilitam a confecção dos seus ninhos e pela notificação compulsória feita de forma precária sobre as zoonoses aviárias.

Criptococose é a infecção causada pelo basidiomiceto naturalmente encapsulado do gênero *Cryptococcus* que, recentemente, tornou-se o mais importante patógeno fúngico oportunístico. Com a epidemia da AIDS, a espécie *C. neoformans* tornou-se a infecção oportunística, criticamente, mais importante. Além disso, o *C. gattii* causou, recentemente, uma epidemia localizada de criptococose em humanos e animais, aparentemente, imunocompetentes na ilha de Vancouver, no Canadá. No ambiente, *C. neoformans* é encontrado associado às excretas de pombos e em ocos de árvores por todo mundo. Por anos, *C. gattii* foi encontrado em regiões tropicais e subtropicais. Foi associado, primariamente, com eucaliptos, que foram considerados seu nicho ambiental. Entretanto, a emergência, sem precedentes, de muitos isolados de *C. gattii* na ilha de Vancouver mostra que a distribuição e a ecologia do *C. gattii* está mudando com a sua habilidade de associar-se a uma ampla variedade de árvores, como abetos e carvalhos. Disponível em:

http://www.jornaldepneumologia.com.br/detalhe_artigo.asp?id=13

Por volta da década de setenta, Lacaz, Minami e Purchio (1970), ao publicar um estudo clínico das micoses profundas, já nos falam da criptococose como uma infecção micótica de distribuição universal. O isolamento do *Cryptococcus neoformans* teria sido feito a partir de frutas estragadas, de ninhos e fezes de pombos, do solo e do leite de vacas com mamite específica.

Portugal (1970) responsabiliza o *Cryptococcus neoformans*, no campo da Patologia Veterinária, por processos granulomatosos graves no pulmão e nas vias aéreas de bovinos, caninos, felinos, macacos, pombos e furão, além de lesões na mucosa nasal e do palato. Em bovinos, o leite contaminado, procedente de vacas com mamite criptocócica, apresenta coloração amarelada, consistência viscosa e pode ser fonte de infecção nos seres humanos.

Estudos já revelaram que, até mesmo em certas *variedades de madeira em decomposição*, já foi constatada a proliferação do fungo *Cryptococcus neoformans*, aquele tão temido por crescer com facilidade nas fezes dos pombos. Portanto, os sanitaristas devem estar preparados para criar um plano de medidas direcionadas ao manejo adequado dessas aves. Dessa forma, estaremos evitando que elas sejam tão penalizadas.

... *Cryptococcus neoformans* var. *neoformans* é cosmopolita encontrado em ambientes relacionados a habitats de aves, presentes em excretas secas, ricos em fontes de nitrogênio como uréia e creatinina. Estes substratos permitem o crescimento abundante desta levedura e favorecem formação de microfocos, notadamente, em centros urbanos, onde a exposição humana a esta variedade torna-se um evento do cotidiano. Elementos fúngicos viáveis encontram-se no ambiente domiciliar, particularmente, na poeira doméstica, com elevada concentração demonstrada em estudos realizados na África, com 30 a 50% de positividade e, na cidade do Rio de Janeiro, com 13% dos domicílios analisados contaminados. Além de pombos, outras aves, também, são importantes reservatórios, sobretudo aquelas relacionadas à criação em cativeiro no ambiente doméstico, como canários e periquitos.

Fontes ambientais de *C. neoformans* var. *neoformans* foram, progressivamente, descritas, relacionados à decomposição de madeira em árvores tropicais no Rio de Janeiro (RJ), em Teresina (PI), em Boa Vista e ilha de Maracá (RR), no interior do Amazonas e na cidade de São Paulo. Estes achados caracterizaram novo habitat natural, relacionado à madeira em decomposição em diferentes árvores tropicais, nativas ou introduzidas no Brasil.

Microfocos relacionados a habitats de aves, madeira em decomposição em árvores, poeira domiciliar, outros habitats como de morcegos e outros animais, onde houver concentração estável de matéria orgânica, podem representar fontes ambientais potenciais para a infecção. Distúrbios destes ambientes podem precipitar ou aumentar a dispersão aérea de propágulos infectantes. Pacientes com AIDS, em cujas casas o agente foi encontrado, apresentaram um risco aumentado de adquirir criptococose por *C. neoformans* var. *neoformans*. Até o momento, não houve comprovação de surto ou epidemia por *C. neoformans* var. *neoformans*, mas com relação à variedade *gattii*, há evidências recentes de que surtos ou epidemias em animais e humanos possam ocorrer. Após o evento pulmonar inicial, a infecção evolui como quadro regressivo e formação de eventuais focos extra-pulmonares, de estrutura tecidual.

A partir de 1980, na era AIDS, ocorreu aumento marcante da criptococose oportunística em todo mundo, o que gerou o interesse e marcada expansão da pesquisa sobre este agente.

A ocorrência de criptococose por *C. neoformans* var. *neoformans* é cosmopolita e acompanha a prevalência dos casos humanos de condição de risco, principalmente, imunodepressão por AIDS, linfomas, leucemias e uso de corticóides. Disponível em:

http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2012-05/proposta_ve-criptococose1.pdf



PARTE 5 -. A Medicina veterinária, a TAA e o surgimento da Família multiespécie

Não há dúvida de que novas configurações familiares vêm surgindo nas últimas décadas. Segundo Mannucci (2005), quando estudamos o tema “família”, somos apresentados a uma série de mudanças que ocorrem na estrutura familiar da qual fazem parte os homens e os animais de espécies variadas. É quando a relação humana X animal se modifica e novos vínculos se constroem. Um fato que merece ser estudado com atenção refere-se às articulações da Medicina-Veterinária, quanto ao surgimento da família multiespécie que, segundo Faraco (2008), nos revela o surgimento de uma relação benéfica capaz de gerar saúde e bem-estar para ambos os componentes. Podemos compreender os animais de companhia ou de estimação capazes de interações emocionais psicológicas e físicas com os seres humanos. Um exemplo disso é a TAA, quando os animais passam a fazer parte da família, dividem o espaço nas nossas casas e atuam nos hospitais, casas de repouso, orfanatos, escolas e asilos, trazendo benefícios para os seres humanos em qualquer idade. Desse modo, assinalamos uma característica marcante nesse tipo de relação, é que, cada vez mais, os animais vêm assumindo seu lugar como parte da família, compondo o núcleo familiar.

Ao estudar as novas configurações familiares, Knebel (2012) analisa a convivência entre os seres humanos e os animais de estimação, admitindo a possibilidade de haver vínculos familiares nessa relação que poderiam ser considerados como laços emocionais. Pode-se observar que, nas configurações familiares dos dias atuais, ocorreria um tipo de relação com exercício da parentalidade, diferentemente, daquela considerada tradicional. Esta autora compara o espaço destinado aos animais de estimação junto à família, com aquele alcançado pelas crianças na Idade Média. A infância terminava para a criança ao ser esta desmamada, o que acontecia por volta dos seis a sete anos de idade. A partir dessa idade, ela passava a conviver, definitivamente, com os adultos. A transformação do sentimento da família ocorreria a partir do século XV, quando a escola se torna instrumento de iniciação social.

Quando estudamos o tema “Família”, somos levados à pós-modernidade e seus conceitos, que envolvem uma série de mudanças nos modelos de pensamento das mais diversas áreas, inclusive no tocante à teoria social, deparamo-nos, então, com o surgimento de novas

configurações familiares, quando a família passou a ser compreendida como um espaço que valoriza o afeto, o amor, e não mais fundada, apenas, no casamento (FARIAS, 2011).

Bréia (2013) enumera as várias espécies animais que compõem essa interação entre as quais inclui cães, gatos, pequenos roedores, pássaros, e, até mesmo, peixes e alguns répteis que já fazem parte da família humana. Segundo a autora, os animais de estimação que ela denomina de mascotes, nos fazem companhia, brincam com os nossos filhos, recebem-nos com entusiasmo, após um dia de trabalho e oferecem-nos amor incondicional.

O apego aos animais de estimação é bem explicado por Vieira (2016), que assinala o fato das famílias se tornarem menores com o passar do tempo e indivíduos que tem uma vida solitária, como único membro, numa casa. Neste caso, os animais têm a dupla função de dar ao seu tutor conforto e companhia. Os “pets” ganham importância no mundo de hoje, até mesmo, substituindo em ente familiar e a família multiespécie, embora ainda não tenha posição definida no mundo jurídico, já conquistou seu papel no mundo factual, segundo a autora.

Pulga (2015) nos revela que, no século XXI, o médico veterinário torna-se, também, um elemento de transformação, podendo ser comparado pela sociedade com o “pediatra”. É um processo ligado à humanização dos animais, fato comprovado a ser considerado desde que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) passou a incluir perguntas sobre animais domésticos em seus questionários. Estima-se que, de acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde realizada em 2013, quase 45% das residências brasileiras possuem, pelo menos, um cachorro e 17%, pelo menos, um gato. Por outro lado, a valorização do médico-veterinário se manifesta através da Organização Mundial da Saúde, quando comprova o destaque desse profissional, ao lembrar que 70% das doenças emergentes e reemergentes do mundo são zoonoses.

Pastori (2012) nos lembra que o médico-veterinário se torna, também, o “Veterinário da Família”, atuando nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família, através da portaria 2488, publicada no Diário da União em 2011, aprovando a Política Nacional de Atenção Básica. Esse profissional deixa de ser, exclusivamente, sanitarista, ampliando seu exercício na área da Saúde com atendimento na clínica veterinária, aproximando-se, dessa forma, da clínica médica humana. E as práticas e costumes dos donos nas relações com seus animais de estimação revelam um amor incondicional por parte dos animais.

A crescente formação da família multiespécie é explicada, através da Teoria do Apego, comentada por Faraco (2008).

Linha de avaliação que pode explicar a crescente formação da família multiespécie, segundo Ceres Faraco, está na Teoria do Apego, desenvolvida a partir das pesquisas em Etologia, área que estuda o comportamento animal. De acordo com o fundador da Etologia, Konrad Lorenz, na relação intra e interespécies, acontece o fenômeno do “imprinting”. Observou-se que fica “impresso” no cérebro do ser vivo aquele outro visto pela primeira vez na hora do nascimento ou fase de sensibilização. No estudo com gansos, foi verificado o fenômeno. Assim, quando o ovo eclodia, o filhote “adotava” como mãe o primeiro ser visto, fosse outro ganso ou um ser humano. Com bases etológicas e psicanalíticas, John Bowlby desenvolveu a Teoria do Apego, pela qual os seres precisam ter alguém de referência para crescer e se desenvolver. Transportando a explicação para a relação mãe/bebê, isto é evidente. Também é realidade, comprovada cientificamente, no relacionamento entre seres humanos e animais. “É preciso ter uma figura de apego para nos desenvolvermos. Assim, também, é com os animais. Podemos observar este apego deles em relação aos seres humanos e destes em relação aos bichos” (FARACO, 2008)



PARTE 6 -. Cuidados com a ave coterapeuta

A presença das aves na TAA exige uma série de cuidados que devem ser tomados, previamente, qualquer que seja a espécie aviária participante.

1. *Do transporte:* o ideal é que as aves sejam conduzidas em gaiolas confortáveis, com dimensões adequadas ao seu porte e com poleiros que permitam que os pés possam se ajustar com firmeza, favorecendo o equilíbrio e evitando quedas que possam ferir os animais. Os comedouros e bebedouros devem estar vazios, durante o transporte e só devem ser colocadas as sementes e a água, após a chegada ao local destinado à realização das atividades com as aves. No fundo da gaiola, deve ser evitado o uso de areia durante o transporte. A colocação de uma placa de metal, coberta com papel rugoso, evita que as aves escorreguem ou que os pés possam se ferir na grade do fundo da gaiola.
2. *Dos excrementos:* quem lida com as aves sabe que, ao contrário do que ocorre com os mamíferos, elas eliminam fezes e urina com muita frequência. Embora seja em pequena quantidade é recomendável que sejam, sempre, retiradas com guardanapos de papel. Por isso, alguns tutores evitam dar qualquer alimento, antes da realização das atividades. Esse tipo de comportamento é condenado, pois não é respeitado o “bem-estar” da ave terapeuta. Então, perguntamos: seria justo que ela só recebesse seu alimento após o final da terapia?
3. *Do local da realização das atividades:* um cuidado a ser tomado refere-se ao local da realização da TAA. O grande número de pessoas, o barulho excessivo no ambiente, o incômodo provocado pelo calor, o vento forte, devido aos ventiladores, a presença de aparelhos de ar refrigerado, causando temperaturas muito baixas, pode ser prejudicial às aves, predispondo ao aparecimento de problemas respiratórios.
4. *Da interação das aves com os pacientes* pode ser considerada um dos assuntos mais importantes na TAA, principalmente, quando a clientela é de idosos e crianças que

podem ferir as aves, ainda que sem o desejar. É necessário que haja bom controle dos movimentos das mãos ao tocá-las, evitando, assim, pressionar o frágil corpo das aves. É recomendável realizar gestos lentos e suaves, procurando não assustar e, buscando evitar quedas que podem causar danos e ferimentos graves. Por outro lado, as unhas afiadas das aves e seu bico forte podem machucar as pessoas que com elas lidam.

5. *O corte das penas das asas* pode representar uma ameaça para a integridade das aves. Asas cortadas impedem que elas voem alto e com segurança, podendo provocar acidentes sérios.
6. *A postura corporal das aves* pode revelar como está sua saúde e, por esse motivo, é necessário que o tutor esteja atento a pequenos sinais indicativos da sanidade animal. Penas arrepiadas, sonolência, asas caídas, abatimento, espirros, cansaço, dificuldade para respirar, piados com sonoridade modificada, podem ser indicativos de anormalidade e suas causas devem ser pesquisadas.
7. *A consulta ao médico-veterinário* é imprescindível para a realização de exames que vão indicar a ocorrência de enfermidades nas aves coterapautas. No Brasil, não existem muitos ornitopatologistas, clínicos de aves e o número de laboratórios de sanidade animal, também, é pequeno. Portanto, a realização de exames preventivos para o diagnóstico de zoonoses aviárias, ainda, é problemática, fato que pode dificultar a segurança da TAA nas aves.



PARTE 7 - ASPECTOS LEGAIS DA TAA

7.1 IBAMA e da legalização de aves nativas

Segundo Hosken & Machado (1998), só pode e tem direito a manter e criar pássaros em ambientes domésticos, pessoa que se associar a uma sociedade, clube, associação ornitológica ou se registrar na superintendência do IBAMA como criador de animais silvestres, segundo as portarias números 117/97 e 118/97 de criador comercial. Maiores detalhes podem ser consultados no seguinte endereço:

http://ibama.gov.br/phocadownload/fauna/faunasilvestre/1997_ibama_portaria_117-1997_comercio-de-fauna-silvestre-nativa.pdf

É importante que os criadores e outras pessoas interessadas neste assunto estejam, sempre, atentas para as alterações que o IBAMA vai acrescentando, temporariamente, às normas, já, publicadas. Apresentamos alguns exemplos de Instruções normativas a título de informação e curiosidade sobre este tema. Seguem alguns exemplos:

INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 03/2011, de 1º de abril de 2011 que dispõe sobre a criação amadora e comercial de fauna silvestre exótica, pertencente às ordens **Passeriformes, Psitaciformes e Columbiformes**. Está disponível em:

https://www.ibama.gov.br/phocadownload/fauna/fauna_exotica/2011_ibama_in_03_2011_e_alteracoes_criacao_de_fauna_exotica_amadora.pdf

Quanto à criação de aves nativas utilizadas **como animais de estimação**, as orientações a serem seguidas podem ser consultadas na **INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 10 /2011, de 20 de setembro de 2011**. Assim temos:

Do criador amador de passeriformes da fauna silvestre nativa; do criador comercial de passeriformes da fauna silvestre nativa; do comprador de passeriformes da fauna silvestre nativa; das mudanças de categoria de criador amador para criador comercial; das espécies de passeriformes a serem criadas; da atividade dos criadores de passeriformes da fauna nativa; da manutenção dos animais; do trânsito e treinamento dos pássaros; do roubo, furto, trânsito e

óbito das aves; das entidades associativas, torneios de canto e exposições; dos programas conservacionistas; das vistorias, fiscalizações e penalidades.

Disponível em:

http://www.ibama.gov.br/phocadownload/fauna/faunasilvestre/2011_ibama_in_10_2011_criacao_amadora_sispass.pdf

Dados sobre a Legislação - Autorização de uso e manejo de fauna silvestre em cativeiro-SISFAUNA, podem, também, ser consultados. Disponível em:

http://transparencia.meioambiente.mg.gov.br/views/legislacao_autorizacoes_manejo.php

Portanto, tendo em vista os exemplos citados anteriormente, podemos concluir que é necessário que o criador realize consultas periódicas sobre as normas preconizadas pelo Ministério de Meio Ambiente, quanto à criação e comercialização de pássaros e outras aves nativas. É um tema muito amplo que vem sofrendo alterações, desde a época das suas primeiras publicações. Recomenda-se ao criador uma consulta permanente para que se mantenha atualizado sobre as modificações que possam ocorrer sobre esse assunto de seu interesse.

7.2 -Projeto que autoriza TAA nos hospitais

- **Projeto que autoriza animais em hospitais (SÃO PAULO)**

Projeto de Lei 355/2017, sancionado nesta quarta-feira (7), cria marco legal para liberar a entrada dos bichos para visitar seus tutores internados em hospitais públicos municipais, seguindo regras como supervisão médica, padrões de higiene, vacinação e equipamentos necessários para o ingresso. Hospital Albert Einstein, já, permite a entrada dos animais e ONG Patas Therapeutas, já, desenvolve ações pontuais na rede pública.

O prefeito João Doria sancionou, nesta quarta-feira (7), o Projeto de Lei n ° 355/2017, de autoria do vereador Rinaldi Digilio, que propõe a liberação da entrada de animais domésticos, como: cachorros, gatos e pássaros, em visitas para pacientes internados em hospitais públicos municipais da cidade de São Paulo. A proposta foi aprovada na Câmara Municipal de São Paulo, em segunda e definitiva votação, no dia 14 de dezembro e a sanção foi publicada na última edição do Diário Oficial da Cidade (DOC).

Até a sanção do Projeto de Lei n ° 355/2017, não existiam normativas e regras que permitiam a visita dos pets em hospitais públicos municipais, mesmo com estudos que mostram os benefícios psicossociais do contato com os bichos. A Secretaria Municipal da Saúde, já, conta com um projeto semelhante, em parceria com a ONG Patas Therapeutas, que promove visitas quinzenais para as crianças internadas, especificamente, no Hospital Menino Jesus. Estudos da ONG Patas mostram que as visitas, nestes casos, trazem benefícios para a saúde, pois ao brincar com o animal, ocorre na criança a liberação de neurotransmissores hormonais responsáveis pela sensação de prazer e bem-estar como a endorfina, a dopamina e a oxitocina. Há, também, a diminuição da liberação do cortisol, que é o hormônio do estresse.

As visitas de animais, conforme mostram alguns estudos, podem ajudar e muito na melhora de pacientes, por meio da Terapia Assistida por Animais. Em outros casos, o animal doméstico não só faz parte da família, como é o único companheiro fiel do paciente, por isso, é importante uma lei, uma normativa, que permita essa entrada e os médicos definirem isso de forma objetiva, com regras de saúde pública”, afirmou o vereador Rinaldi Digilio.

O Hospital Albert Einstein, na zona sul de São Paulo, já, permite a visita de animais de estimação para ajudar na recuperação dos pacientes internados na unidade. Além de cachorros, a visita, também, é permitida para gatos, pássaros e até coelhos. A permissão, que ocorre desde 2009, visa, além da recuperação física, o bem-estar mental.

- **Projeto que autoriza animais em hospitais (PARANÁ)**

No estado do Paraná, em dezembro do ano passado, foi promulgada a Lei nº 18.918/2016, que, também, permite as visitas de animais nos hospitais públicos, com regras semelhantes.

“O prefeito deu mais um passo para uma cidade mais acolhedora e que se abre para diferentes métodos de saúde, como a terapia animal, que é reconhecida em todo o mundo como uma prática de excelentes resultados e com custos menores”, disse Digilio.

Para a visita, a nova lei exige que os animais estejam com a vacinação em dia e higienizados com laudo veterinário, atestando a boa condição do animal. A comissão de infectologia de cada hospital será a responsável por autorizar a entrada dos animais, que deverão estar em recipiente ou caixa adequada. No caso de cães e gatos, devem estar em guias presas por coleiras e, se necessário, de enforcador e focinheiras.

A nova lei, ainda, diz que os hospitais criarão normas e procedimentos próprios para organizar o tempo e o local de permanência dos animais para a visitação dos pacientes internados. Além disso, a presença do animal se dará mediante a solicitação e autorização do médico responsável pelo paciente, com a visita agendada, previamente, na administração do hospital, respeitando a solicitação do médico e critérios estabelecidos por cada instituição.

Disponível em: <https://www.fatopaulista.com.br/index.php/geral/item/2390-projeto-que-autoriza-visitas-de-pets-em-hospitais-de-sao-paulo-e-sancionado-e-agora-e-lei>

- **Projeto que autoriza animais em hospitais (RIO DE JANEIRO)**

Os animais domésticos e de estimação, agora, podem visitar pacientes nos hospitais privados e públicos do Rio. A medida foi aprovada pela Câmara Municipal do Rio essa semana.

De acordo com a lei, de autoria do vereador Luiz Carlos Ramos Filho, também, presidente da Comissão de Defesa dos Animais, os animais podem permanecer nas unidades de saúde por período pré-determinado e, sob condições prévias, respeitando os critérios definidos pelos hospitais.

Outras espécies devem passar pela avaliação do médico responsável pelo paciente, que avaliará de acordo com o quadro clínico do mesmo.

Segundo o texto da nova lei, “são considerados animais de estimação todos os tipos de animal que possam entrar em contato com os humanos, sem proporcionar-lhes perigo, além daqueles utilizados na terapia assistida de animais (TAA), como cães, gatos, pássaros, coelhos, chinchilas, tartarugas, hamsters”. Para realizar a visita, será necessário a apresentação da carteira de vacinação em dia, do animal e, também, um laudo veterinário que comprove seu

bom estado de saúde. Ao entrar no hospital, os bichos de estimação deverão estar em malas/caixas, apropriadas para os mesmos e vestindo guias e coleiras. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/03/21/lei-permite-a-entrada-de-animais-domesticos-e-de-estimacao-em-hospitais-do-rio.ghtml>



PARTE 8

- **Bioética e TAA**

A Ética, segundo Rivera (2002), é a ciência da moral e, assim, o homem caminha em busca de um comportamento que procura preservar a terra de uma forma mais racional, fato este que se complica, quando envolve, também, a utilização dos animais. A discussão, que nos acompanha desde René Descartes, ao considerar os animais incapazes de sentir ou sofrer, nos chega aos dias atuais, quando cientistas já se manifestam sensíveis ao sofrimento dos animais. Esta autora nos lembra, ainda, que o homem se considera no direito de usar outros animais, porém sem abusar desse direito.

Por outro lado, Pegoraro (2010) fala-nos da bioética como uma disciplina ética com a finalidade de bem compreender problemas apresentados pela biotecnociência e biomedicina. Uma das características da bioética seria a interação de saberes, quando a Filosofia, a Religião e a Tecnociência discutem seus problemas éticos.

No que se refere às questões éticas que envolvem a TAA, Fischer et al. (2016) ressaltam a possibilidade da exploração dos animais envolvidos no processo terapêutico, quando as condições do bem-estar animal não são respeitadas. O excesso de trabalho, o cansaço do animal, a sede não saciada, o trabalho em condições inadequadas com temperaturas altas e regime de trabalho com duração excessiva são pontos mencionados pelas autoras e que devem ser observados nesse tipo de terapia. No Hospital Universitário da USP, por exemplo, foi adotado um protocolo do programa de TAA que conduziu a resultados satisfatórios. Para se alcançar o bem-estar de humanos e animais, sugere-se a criação de comitês de bioética que estabeleçam normas a serem cumpridas e fiscalizadas na realização da TAA. Desse modo, há necessidade que seja estabelecida a responsabilidade com os animais no trabalho de coterapautas. São beneficiadas atitudes adequadas que visam recuperar o” ato de cuidar”, tanto do ser humano como, também, do animal, tendo em vista seu bem-estar físico e mental.

Dentre as questões éticas abordadas pelas autoras supracitadas, figuram a atenção da indústria para atender as necessidades dos animais e o capricho dos tutores, ambos muito bem

descritos no trabalho de Evans & Gray (2012), em comercialização de animais, acessórios e outras atividades, tais como: adestramento, cuidados sanitários, transportes, etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABONIZIO, J. & BAPTISTELLA, E. dos S. T. O papel do consumo na construção de relacionamentos entre humanos e pets . **Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP. Ponto Urbe** **19**, 2016.

ARAÚJO, C.D. ; CARVALHO, F.G.de ; ALBUQUERQUE, L.B. Levantamento epidemiológico das zoonoses transmitidas por pombos em Campo Grande- MS. **MULTITEMAS** , n.16. Maio, 2000, pp. 28-50.

ARAÚJO, R. <http://portalmelhoresamigos.com.br/aves-e-idosos-na-taa-uma-relacao-mutuamente-benefica/>

BITTENCOURT. M. A.” Terapia Animal Assistida por Corujas: manejo e treinamento”- Uma nova forma para apoio aos autistas. Disponível em:
<http://www.chumbogordo.com.br/15813-terapia-animal-assistida-por-corujas-manejo-e-treinamento-uma-nova-forma-para-apoio-aos-autistas/>

BRÉIA, Vanessa. Os novos donos da casa. **Revista SescBrasil**. Outubro e novembro de 2013. Artigo. Disponível em:
http://www.sesc.com.br/portal/sesc/Revista_Sesc_Brasil/Artigo/ Acesso em : 08 jan. 2014.

CHELINE, M. O. M. & OTTA, E. orgs. **Terapia Assistida por Animais**. São Paulo. Editora Manole, 2016. 364p.

COSTA, E.C.; JORGE, M.S.B.; SARAIVA, E.R. de A; COUTINHO, M. da P.L.; Aspectos psicossociais da convivência de idosas com animais de estimação: uma interação social alternativa **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 11, n. 3, 2009, pp. 2-15 Universidade Presbiteriana Mackenzie Brasil.

DUARTE, J.M.B. ESTRESSE- mitos e verdades. Disponível em:
<https://www.facebook.com/biomacuco/posts/estresse-mitos-e-verdades-prof-dr-jos%C3%A9-maur%C3%ADcio-barbanti-duarteap%C3%B3s-30-anos-de-tr/1696954493692018/> .
Acesso: 06/05/2019.

<https://www.facebook.com/biomacuco/posts/1696954493692018/> . Acesso em 02/01/2020.

EVANS, N. & GRAY, C. (2012). The practice and ethics of animal-assisted therapy with children and young people: is it enough that we don't eat our co-workers. **British Journal of Social Work**, **91**, 1-18.

ESTEVAM, G. & JOB, J.R.P.P. Animais exóticos domesticados com potencial zoonótico – Revisão de literatura. **Rev.Soc. Bras. Clin. Med.** 14(2), 2016, abr-jun; pp. 114-20.

5. FARACO, Ceres Berger. Interação humano-animal. **Ciênc. Vet. Tróp.**, Recife-PE, suplemento 1, p.31-35 abril, 2008.

FARIAS, Cristiano Chaves de. A Família da Pós-Modernidade: mais que fotografia, possibilidade de convivência. Disponível em:
<https://www.google.com.br/#q=A+fam%C3%ADlia+da+p%C3%B3s+modernidade%3A+mais+que+fotografia+-+www.portalciclo.com.br> Acesso em: 08 jan. 2014.

http://www.bahianoticias.com.br/2011/imprime.php?tabela=justica_artigos&cod=14

FISCHER, M.L.; ZANATTA, A.A.; ADAMI, E.R. Um olhar da Bioética para a Zooterapia. **Rev. Latinoam.bioet.** v.16, n.1, jan./June, 2016.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18359/ribi.1460> Acesso em abril, 2019.

GODOY, A. C. de Sousa & DENZIN, S. S. Atividades assistidas por animais: aspectos revisivos sob um olhar pedagógico. Disponível em: Ensaios e Ciência, 2007 – sare.anhanguera.edu.br.

HART, L.A. apud FINE, A.H. **Handbook on Animal Assisted Therapy** 3.ed. London: Academic Press, 2010. 588p.

HOSKEN, F. M. & MACHADO, P.A.R. **Criação comercial de Curiós e Bicudos**. Viçosa: CPT,198. 50 p.

KNEBEL, Anelise Grazielle. **Novas configurações familiares: é possível falar de constituição familiar desde a relação multiespécie?** Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul- UNIJUÍ – Santa Rosa, Rio Grande do Sul, 2012.39 p.

LACAZ, C. da S. Fungos em Patologia Humana- Fungos oportunistas apud LACAZ, C. da S.; MINAMI, P. S.; PURCHIO, A. **O grande mundo dos fungos**. São Paulo: Editora Polígono- Editora da Universidade de São Paulo. 1970. 255 p.

LIMONGI FRANÇA, A.C. & RODRIGUES, A.L. **Stress e Trabalho: Uma abordagem psicossomática**. 4.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.191p.

MANUCCI, A. *Fazendo amigos*. (2005). Disponível em:
http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/fazendo_amigos.html

MANNUCCI, Anna. “Fazendo Amigos”. In: **Viver Mente & Cérebro**. Edição nº 152, set. 2005.

MELLO, L. C. **Nise da Silveira- caminho de uma psiquiatria rebelde**. Rio de Janeiro: Automática Edições Ltda. 2014. 368p.

MOUTINHO, F.B.B.; SERRA, C.M.B.; VALENTE, L.C.M.; BORGES, F.V.B.; FARIA NETO, F DE. Distribuição espaço-temporal das reclamações sobre pombos (*Columba lúvia*) efetuadas ao Centro de Controle de Zoonoses de Niterói- RJ. (2009-2013) **Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde** - <http://www.seer.ufu.br/index.php/hygeia> Hygeia 11 (21): 49 - 61, Dez/2015 p. 49 HYGEIA, ISSN: 1980-1726

OLIVA, Valéria Nobre Leal de Souza et al. Idosos institucionalizados e as atividades assistidas por animais (AAA). **Revista Ciência em Extensão**, v. 6, n. 2, p. 15-31, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/133071>.

PASTORI, Érica, Onzi. **Perto e longe do coração selvagem: um estudo antropológico sobre animais de estimação**. Rio Grande do Sul, 2012. 106 p. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social- PPGAS, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PEGORARO, O. A. **Ética e Bioética – da subsistência à existência**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

PORTO, P.R.T. Comunicação pessoal. Criadouro BondByco – Taquara - RJ- Data: julho/2019
<https://www.facebook.com/CBondbyco/>

PORTUGAL, M. A. da S. C. Fungos em Patologia Veterinária *apud* LACAZ, C. da S.; MINAMI, P. S.; PURCHIO, A. **O grande mundo dos fungos**. São Paulo: Editora Polígono- Editora da Universidade de São Paulo. 1970. 255 p.

PULGA, Mário Eduardo. Os médicos- veterinários e o processo de humanização. **Revista do Conselho Regional de Medicina Veterinária-** São Paulo. Informativo 60- 2015.

PRADO, S.F. Aves são boa companhia para crianças na Terapia Assistida por Animais. Disponível em: <http://portalmelhoresamigos.com.br/aves-sao-boas-companheiras-para-as-criancas-na-terapia-assistida-com-animais/>

RIVERA, E. A. B. *apud* ANDRADE, A.P. & OLIVEIRA, R.S., orgs. **Animais de laboratório: criação e experimentação** [on line]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.388. ISBN: 85-7541-015-6. Available from SciELO Books <http://books.cielo.org>

SANTOS, J. A. dos apud SCHARRA, D.M.F. **Doenças dos pássaros e outras Aves**. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1986. 188.p

SCALDAFERRI, M.A.L. Comunicação pessoal. Criadouro M&Comercial – Mcalôs – Criador de calopsitas- São Francisco- Niterói- RJ – Data- Julho, 2019
<https://malscaldaferri.wixsite.com/criatoriomcalos/matrizes>
<https://www.facebook.com/criadouromemcalos>

SCHARRA, D.M.F. **Como cuidar das aves de estimação**. Rio de Janeiro. Ed. Cátedra, 1987. 55p.

SCHARRA, D.M.F. Aves terapeutas- A presença das aves na terapia animal assistida. **Revista da UCPP- Rev. Da União dos Criadores de pássaros de Piracicaba**. 51ª ed. Piracicaba- SP. p. 06-08, julho 2016.

Aves Terapeutas (2011). Disponível em: <http://patasterapeutas.org/assunto/terapia-assistida-por-animais-aves/>

SCHARRA, D.M.F. **Sobre um caso de Afasia e o papel dos Pássaros na Atividade Assistida por Animais – Relato de Experiência**. 2º Simpósio Internacional de Atividade, Terapia e Educação Assistida por Animais – II SINTAA – Niterói – RJ, 2013. (*apresentação de pôster*)

SCHARRA, D.M.F. **A visão transdisciplinar da Terapia Assistida por Animais como estratégia terapêutica**. Trabalho apresentado à Disciplina “Tópicos avançados em Cuidados Transdisciplinares do Curso de Especialização em Psicossomática e Cuidados transdisciplinares com o corpo. Universidade Federal Fluminense - Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividades e Cuidados com o Corpo na Saúde. Niterói, 2013.

SEVERO, C. B.; GAZZONI, A. F.; SEVERO, L.C. Criptococose pulmonar. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**. v.35, n.11. 2009. Disponível em: http://www.jornaldepneumologia.com.br/detalhe_artigo.asp?id=13

SILVA, A.T.F.; BRANDESPIM, D.F.; PINHEIRO JUNIOR, J.W. **Manual de controle de zoonoses e agravos para agentes comunitários de saúde e agentes de controle de endemias**. 1.ED. Recife: EDUFRPE,2017.

SOTO, L. **El canário y demás aves canoras de jaula – Cría- Caza- Domesticación**. 3.ed. Barcelona: Editorial Sintesis, 1955. 305p.

STROUD, R. **Stroud'S Digest on the Diseases of Birds**. Neptune City, T.F.H Publications, Inc. 1964. 483p.

TORRES, A. C. D.; HAAS, D.J.; SIQUEIRA, N. D'A. Principais zoonoses bacterianas de aves domésticas e silvestres. **Veterinária Em Foco**. Canoas: v.14, n.1, jul/dez 2016.p.47-59.

TORRES, A.C.; D'APARECIDA, N.S.; HAAS, D.J. Principais zoonoses víricas, fúngicas e parasitárias de aves domésticas e silvestres. **Veterinária em Foco**. Canoas: v.13 n.1, jul/dez 2015. p.44 – 55.

VIEIRA, Martins Waléria. A família multiespécie no Brasil uma nova configuração familiar. Disponível em: <https://docplayer.com.br/142149251-A-familia-multiespecie-no-brasil-uma-nova-configuracao-familiar.html> Acesso em : 27/02/2020

YAMAMOTO, K.C.M.; SILVA, E.Y.T.; COSTA, K.N.; SOUZA, M.S.; SILVA, M.L.M.; ALBUQUERQUE, V.B.; PINHEIRO, D.M.; BERNABÉ, D.G.; OLIVA, V.N.L.S. Avaliação fisiológica e comportamental de cães utilizados em terapia assistida por animais (TAA). **Arq. Bras. Med. Vet. Zootec**. Belo Horizonte. v. 64 n. 3, June 2012

ANEXOS

1. O primeiro artigo “**AVES TERAPEUTAS**” – A presença das Aves na Terapia Assistida por Animais.
2. SCHARRA, D.M.F. **A visão transdisciplinar da Terapia Assistida por Animais como estratégia terapêutica.** Trabalho apresentado à Disciplina “Tópicos avançados em Cuidados Transdisciplinares” do Curso de Especialização em Psicossomática e Cuidados transdisciplinares com o corpo. Universidade Federal Fluminense - Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividades e Cuidados com o Corpo na Saúde. Niterói, 2013.
3. SCHARRA, D.M.F. **A Psicossomática e a Terapia Assistida por Animais – uma relação possível.** Trabalho apresentado à Disciplina “Psicossomática I” do Curso de Especialização em Psicossomática e Cuidados transdisciplinares com o corpo. Universidade Federal Fluminense - Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividades e Cuidados com o Corpo na Saúde. Niterói, 2013.
4. SCHARRA, D.M.F. *Sobre um caso de Afasia e o papel dos Pássaros na Atividade Assistida por Animais – Relato de Experiência.* (apresentação de pôster)
5. Relação das espécies de aves citadas neste livro.

O primeiro artigo

Meu primeiro artigo sobre as aves na TAA - Federação Ornitológica Catarinense -. Ele teria sido o início de tudo ou, talvez, o recomeço.

AVES TERAPEUTAS - A PRESENÇA DAS AVES NA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS.

“Como médica-veterinária aprendi, ao longo do tempo, a cuidar das aves. Hoje, estou aprendendo como as aves cuidam de nós”.

Deila Scharra

Há, aproximadamente, 20 anos atrás, atendi a um canarinho que parecia ser o único elo de ligação de uma senhora doente com a realidade. Ela padecia de uma enfermidade degenerativa há longo tempo. E, o pequenino pássaro que ficava na gaiola junto à janela do seu quarto, era o único ser vivo pelo qual ela demonstrava algum interesse. Quando ele cantava, recebia um olhar, ainda que inexpressivo, da idosa. Quando a avezinha adoeceu, a família preocupou-se que se extinguisse a única relação perceptível que ela, ainda, mantinha com a vida.

Estranhamente, há poucos meses atrás, ao visitar um centro de convivência para idosos, pude observar o interesse de uma senhora por Agapornis que estavam num viveiro localizado no jardim. Ela conversava com eles e, aparentemente, se sentia bem com seu suposto diálogo com as aves. Fui, então, informada de que ela sofria de demência em estado avançado e era incapaz de se comunicar com as outras internas. Porém, gostava de ficar junto ao viveiro, observando os animais e conversando com eles. Os momentos que passava ao lado das aves a deixavam mais tranquila e, até mesmo, alegre.

Recentemente, interessantes estudos, versando sobre o tratamento da depressão na 3ª idade, revelaram os efeitos benéficos alcançados a partir do contato entre os doentes e as aves. Experimentos realizados com homens idosos, ajudando em aviários, demonstraram a diminuição do estado depressivo e melhora considerável no relacionamento com membros da família.

Tais casos, acima relatados, nos revelam a importância da interação animal versus ser humano que pode ser utilizada no tratamento de uma série de doenças que acometem não só idosos, mas, também, pessoas nas mais diversas faixas etárias. Há pouco tempo atrás, vimos pela televisão uma reportagem sobre o tratamento de soldados, que lutaram nas guerras do Iraque e Afeganistão, através de terapia que utilizava psitacídeos que, também, tinham sido vítimas de maus tratos. Ao cuidar das aves, os soldados readquirem confiança em si, perdem a sensação de isolamento e abandonam o vício das drogas e álcool.

Todos sabemos do papel social que a criação de aves pode representar para pessoas com deficiência física e/ou mental, favorecendo a inclusão desses indivíduos na sociedade, seja através da sua participação em clubes e sociedades de criadores de aves onde estabelecem novos relacionamentos, seja na motivação para complementar sua fonte de renda e, até mesmo, no simples prazer de criar aves.

A participação de animais como facilitadores do processo de socialização de pessoas que vivem isoladas, ou seja, a participação de animais como auxiliares em processos terapêuticos deu origem a um tipo de terapia que recebe denominações variadas, tais como: Zooterapia, Terapia Animal Assistida, Pet-terapia, Terapia facilitada por animais e outras. Optamos pelo uso da denominação Terapia Animal Assistida ou como é mais conhecida: pela sigla TAA. Na verdade, os fins terapêuticos são alcançados mediante a interação que ocorre de forma satisfatória entre seres humanos e animais. Podemos, contudo, assinalar que algumas pessoas confundem a Terapia Animal Assistida (TAA) e a Atividade Animal Assistida (AAA) que, embora apresentem semelhanças, não são iguais.

Na TAA, há o envolvimento de profissionais da área da saúde (psicólogos, fisioterapeutas, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, médicos-veterinários, fonoaudiólogos) que utilizam o animal como parte do tratamento. A finalidade dessa terapia é a promoção da saúde física, emocional, social e melhoria das funções cognitivas.

Na AAA tem lugar a recreação, o lazer no contato dos animais com as pessoas. Há a proposta de entretenimento e diversão e, desse modo, busca-se alcançar uma melhor qualidade de vida. Embora estudos nos revelem que, na Europa, nos séculos XVIII e XIX, animais já fossem usados para auxiliar no tratamento de doentes mentais, aqui no Brasil, a TAA não é conhecida pela maioria das pessoas. Podemos, contudo, afirmar que essa modalidade de terapia, ultimamente, vem ganhando novos adeptos, em face dos resultados

satisfatórios alcançados.

Inicialmente, a TAA usava, principalmente, cães como animais terapeutas. Essa preferência se explica pelo afeto que existe entre esses animais e o homem. A facilidade do adestramento, a troca possível de carinho através do afago, a possibilidade da realização de exercícios musculares benéficos e atividades que envolvam equilíbrio, fazem-nos compreender a razão da escolha de cães para essa atividade terapêutica. Há, ainda, muito o que se pesquisar sobre os mecanismos biológicos que envolvem a relação terapêutica homem/animal, porém já se sabe que mudanças hormonais benéficas ocorrem de ambas as partes. Há a sensação de bem-estar, a liberação de substâncias que reduzem o estresse e favorecem a recuperação de pessoas deprimidas.

Por outro lado, a Equinoterapia, também, vem tendo grande aceitação por causa da semelhança dos movimentos do cavalo com os do homem, movimentos estes que estimulam a transmissão das vibrações da medula para o cérebro, produzindo feedback biológico. Desse tipo de tratamento, se beneficiam várias patologias, em particular, pessoas que sofrem de paralisia cerebral, portadores de síndrome de Down etc.

Na verdade, hoje na TAA a literatura relata a utilização de cães, ratos, coelhos, porquinhos-da-índia e **aves**, ajudando no tratamento de problemas de linguagem, percepção corporal, no controle da ansiedade e nos casos de hiperatividade e depressão. Entre as aves, o contato com calopsitas e periquitos australianos, por exemplo, está sendo usado para favorecer a motricidade fina. Admite-se que estas espécies vêm se destacando pela sua rápida interação com os humanos e, também, pelo fato de serem adestradas com relativa facilidade. Além disso, o colorido das suas penas proporcionam um belo visual que encanta aos que lidam com elas. Se levarmos em conta o pequeno espaço nas residências, a facilidade de limpeza dos excrementos dessas aves, os sons por elas emitidos que não trazem maiores incômodos à vizinhança e alegam seus donos e, considerando-se, ainda, a economia com os gastos na sua alimentação, devemos analisar a possibilidade de maior utilização desses animais na TAA.

Sabemos que proprietários de cães e **aves terapeutas** estão se organizando em grupos para levar seus animais em visita a asilos, casas de repouso, instituições para crianças e, até mesmo, hospitais e clínicas com o propósito de oferecer horas de entretenimento para pessoas das mais variadas idades. Podemos, portanto, salientar que nossos pássaros nos proporcionam

muito além do que poderíamos supor. Até mesmo na área pedagógica, no campo da interação sócio-ambiental, já existem citados na literatura, trabalhos que relatam a utilização de canários, por exemplo, como auxiliares da aprendizagem, tanto para crianças normais como especiais. É um novo campo que se abre, é um novo caminho que desponta para nós que amamos as aves. Há muito que aprender sobre este fascinante tema: “AVES TERAPEUTAS”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Animais terapêuticos <http://forumsaude.com.pt/conversa/294/animais-terapeuticos/>

MILWARD, C. O. Zooterapia . Anotações de aula da disciplina sobre Bem-Estar Animal da Faculdade de Medicina-Veterinária da Unigranrio- RJ, 2010.

FINE, A. H. *Handbook on Animal-Assisted Therapy*. 3.ed. London: Academic Press, 2010. 588p.

GODOY, A. C. de Sousa & DENZIN, S. S. Atividades assistidas por animais: aspectos revisivos sob um olhar pedagógico. Disponível em: Ensaios e Ciência, 2007 – sare.anhanguera.edu.br.

GARCIA, M. P. & BOTOMÉ, S. P. Da domesticação à Terapia: o Uso de Animais para Fins Terapêuticos. *Interação em Psicologia*, 2008, 12 (1), p.165-167.

Anotações sobre “Projeto Pelo Próximo- Solidariedade em 4 patas”.
www. pelo próximo

SCHARRA, D.M.F. **A Psicossomática e a Terapia Assistida por Animais-uma relação possível.** Trabalho apresentado à Disciplina “Psicossomática I” do Curso de Especialização em Psicossomática e Cuidados transdisciplinares com o corpo. Universidade Federal Fluminense - Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividades e Cuidados com o Corpo na Saúde. Niterói, 2013.

A PSICOSSOMÁTICA E A TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS - UMA RELAÇÃO POSSÍVEL

Deila Maria Ferreira Scharra

INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade, a discussão sobre doença e saúde vem carregada de superstições, de explicações religiosas, mitológicas e, sem dúvida alguma, cheia de questionamentos para os quais não há ainda um consenso. Acompanhando essa dissidência, surge a relação mente-corpo, ora tratada como sendo constituída por elementos distintos, ora observada como uma unidade inseparável e indissolúvel.

Dentro da ótica da modernidade, Descartes nos oferece uma separação da mente e do corpo onde a religião, a filosofia e a medicina os estudam como partes, totalmente, separadas, adotando a postura dualista. A partir do século XX, Freud, ao mencionar o determinismo psíquico, volta a atenção para os aspectos internos do homem, embora mencionasse a sua percepção do ego corporal. Por outro lado, em 1917, Grodeck, ao publicar um trabalho sobre determinação psíquica e tratamento psicanalítico das afecções orgânicas, sinaliza um marco da medicina psicossomática¹.

A Psicossomática, a partir de então, sofreria um processo de evolução que, segundo Júlio de Mello Filho, poderia ser dividida em três fases: psicanalítica, behaviorista e multidisciplinar ¹.

Para Mello Filho (1992), a evolução da psicossomática ocorreu em fases. A primeira, denominada de fase inicial ou psicanalítica, sob

a influência das teorias psicanalíticas, teve seu interesse voltado para os estudos da origem inconsciente das doenças, das teorias da regressão e dos ganhos secundários da doença. A segunda, também, chamada de fase intermediária, influenciada pelo modelo Behaviorista, valorizou as pesquisas, tanto em homens como nos animais, deixando, assim, grande legado aos estudos do stress. A terceira fase, denominada de atual ou multidisciplinar, valorizou o social, a interação e interconexão entre os profissionais das várias áreas da saúde. ²

A Psicossomática vem sendo estudada por grupos de pesquisadores que realizam leituras diferenciadas sobre fatores psicológicos, predispondo a vários estados patológicos. A Escola **Psicossomática Americana**, que surge na década de 30, consolidou-se na metade do século XX com Alexander e Dunbar da **Escola de Chicago**, que consideravam que os transtornos psicossomáticos seriam consequência de estados de tensão crônica e as diferentes doenças psicossomáticas corresponderiam a diferentes fatores psicológicos. A gênese das doenças seria de origem inconsciente e, entre as doenças estudadas, incluíam a úlcera péptica, colite ulcerativa, neurodermatite, artrite reumatóide, hipertensão arterial e tireotoxicose¹. Para Dunbar, existe uma relação entre as doenças e os tipos de personalidade, ficando assim estabelecido o perfil de personalidade ².

A **Escola de Boston** dedicou-se ao estudo da Alexitimia, ou seja, a dificuldade que alguns pacientes psicossomáticos têm para descrever seus sentimentos^{1, 2}. Na verdade, tais pacientes têm impressionante dificuldade para expressar ou descrever suas emoções, através da palavra e sofrem perturbações físicas e psicopatológicas. Eles sentem dificuldades para reconhecer seus próprios sentimentos, bem como diferenciar as sensações corporais, dos estados emocionais. Enquanto os pacientes neuróticos relatam sintomas emocionais e dificuldades psicológicas, os pacientes alexitímicos referem-se aos sintomas somáticos ².

Para a Escola Psicossomática de Paris, a alexitimia tem a ver com a falta de organização do indivíduo e um poder variável de organização. Seu mundo simbólico é um pouco pobre com pouca elaboração psíquica. O pensamento é bastante concreto e recebe o nome de pensamento operatório para aqueles pacientes que têm tendência a somatizar. Tais pessoas não apresentam manifestações simbólicas de fantasias e sonhos ¹. O pensamento operatório refere-se a uma forma de lidar com as emoções, próprias dos pacientes psicossomáticos ².

Um conceito muito discutido na Psicossomática é o de estresse (inicialmente, chamado de síndrome geral de adaptação), com etiologia multifatorial, ressaltando-se as mudanças que o corpo sofre com esta alteração. Na Psicossomática, estes estudos buscam explicações biológicas e neurofisiológicas que possam elucidá-los. No estresse haveria uma resposta inespecífica que o organismo desenvolve na busca de uma adaptação à situação que ameace a homeostase. O estresse prolongado pode levar ao desenvolvimento da doença².

Mais modernamente, está sendo estudada a **Psiconeuroimunologia**, cuidando das interações entre o psíquico, o sistema nervoso central e o sistema imune endócrino. O desenvolvimento das neurociências vem esclarecendo muitas dúvidas sobre o pensamento psicossomático, e da interação entre psique, sistema nervoso imune e endócrino. Na verdade, a neurociência dificulta a aceitação da dualidade corpo-mente. As origens da psiconeuroimunologia estariam estreitamente ligadas ao pensamento psicossomático¹. Esta área de estudo procura conhecer a ação das emoções sobre a saúde, quando mecanismos celulares e moleculares tornam o organismo mais vulnerável às doenças. É a interligação entre o sistema nervoso endocrinológico e imunológico³.

A **doença socioossomática** surge, modernamente, como uma teoria mais abrangente, quando corpo e mente interagem entre si com o ambiente e com o meio social, acrescentando a ecologia e o social às causas da doença. O ambiente em que o indivíduo vive suas alterações, incluindo os aspectos sócio-econômicos, são fatores que podem provocar o aparecimento de doenças. Seria interessante se pensássemos mais um pouco nas variáveis psicossociais, tornando-se elementos capazes de promover doenças¹.

DESENVOLVIMENTO

Heinroth, em 1828, definiu o conceito somatopsíquico para explicar a influência dos transtornos corporais sobre o psiquismo. Graças aos seus estudos, a psicossomática passou a se consolidar como uma prática científica, pois eles permitiram demonstrar a influência psíquica nos transtornos corporais que podiam ser objetivados por meio da doença⁴.

Em 1792, foi criada a York Retreat, um centro de tratamento para pacientes com alterações mentais, na qual utilizavam jardinagem, exercícios e vários animais domésticos para encorajar os pacientes a vestir-se, movimentar-se e comunicar-se.^{5,6}

A terapia assistida por animais (TAA) constitui-se na utilização de animais para fins terapêuticos num processo no qual um profissional, seja ele psicólogo, fisioterapeuta, enfermeiro, etc, provoca mudanças comportamentais ou orgânicas em pessoas com diferentes tipos de necessidades⁷. Entre os benefícios da TAA, podemos citar: relaxamento, diminuição da pressão arterial, diminuição dos sintomas da ansiedade, conscientização do corpo, melhora no equilíbrio, autoestima e autoconfiança. Ressalta-se, no cuidado com o corpo, a atividade física da “caminhada” que se torna mais agradável, quando é feita com um cão, favorecendo o condicionamento físico. Os resultados têm se demonstrado de modo satisfatório nos aspectos sociais, emocionais, físicos e cognitivos⁸.

A TAA, ainda, permite a estimulação tátil, visual, olfativa e auditiva; trabalha o ato de cuidar do corpo, quando diz respeito à higiene pessoal; trabalha a motricidade fina e grossa; promove a socialização; atua na cognição, em particular, influenciando a motivação, emoção e concentração. Na relação homem-animal, as áreas de desenvolvimento psicomotor e sensorial são favorecidas por essa terapia alternativa. Se considerarmos o papel da psicossomática, quando relacionada ao cuidado em saúde, verificamos que existe a necessidade de tratamentos que tragam novas práticas terapêuticas que reafirmem a unidade corpo-mente associada à integração do indivíduo ao meio ambiente. E a TAA se propõe a colaborar com essa nova forma de se promover a qualidade de vida do homem. Não podemos, contudo, esquecer o cuidado que merece, também, o animal que participa como coterapeuta.

Até aqui, procuramos analisar os benefícios que a TAA traz ao ser humano. E perguntamos: como está o bem-estar dos cães, equinos, aves e outras espécies animais participantes da terapia?

A resposta poderia, quem sabe, ser encontrada, por exemplo, na prática de se prescrever medicamentos para animais. Prática essa que vem se desenvolvendo nos últimos 15 anos, quando as empresas farmacêuticas vêm se preocupando com a farmacologia comportamental destinada a vender drogas para animais de estimação. São medicamentos para cães obesos, para tratar das disfunções cognitivas desses animais, para a ansiedade de separação, para tratar do

humor, das fobias e das questões comportamentais. Ou seja, para tratar das suas doenças mentais ⁹.

CONCLUSÃO

Conforme vimos anteriormente, doenças ligadas à ansiedade e ao estresse já estão fazendo parte do perfil psicossomático dos animais de estimação. Nas espécies aviárias, merece ser assinalado o autobicamento em aves submetidas a estresse emocional e ambiental. Lembramos, também, a automutilação em psitacídeos relacionados a condições de estresse e manejo^{10,11}.

Tais motivos mostram-se suficientes para pesquisarmos essas mudanças de comportamento, principalmente, quando sabemos que cães e gatos já foram diagnosticados com dermatose por lambedura associada à solidão e à falta da companhia dos seus tutores ¹².

Os fatos, anteriormente, citados nos sugerem que os animais, assim como o ser humano, talvez pela proximidade que guardam entre si e, também, pela estreita convivência, também, podem padecer de doenças psicossomáticas. Um novo campo de estudo se apresenta, através da medicina-veterinária psicossomática. É tempo de nos dedicarmos a ele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CASTRO, M.G.C.; ANDRADE, T.M.R.; MULLER, M.C. Conceito mente e corpo através da história. **Psicologia em Estudo**. Maringá: v.11, n.1 p.39-43, jan./abr. 2006. Disponível em: www.scielo.br/pdf/pe/v11n1/v11a05.pdf Acesso em 15/11/2012.
2. CERCHIARI, E.A.N. Psicossomática, um estudo histórico e epistemológico. **Psic. Cienc. Prof.** Brasília: v..20, n.4, dez. 2000. Disponível em : www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414...script... Acesso em 27/11/2012.
3. SOUZA, O.C. de; HANAYAMA, E.M. Fatores psicológicos associados à disfonia funcional e a nódulos vocais em adultos. **Rev. CEFAC**. São Paulo: v.7, n.3, p.388-397, 2005. Disponível em: redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve. Acesso em: 11/10/2012.
4. TEIXEIRA, E.R. (org.) **Psicossomática no cuidado em saúde: atitude transdisciplinar**. São Caetano do Sul: Yendis, 2009.307 p.
5. TUKE, S. Description of the Retreat. *Pub. Med*, 1964. Disponível em: <http://www.pubmedcentral.nih.gov/articlerender.fcgi?artid=1033490>. Acesso em: 25/08/2005.
6. SERPELL, J.A. Animal – assisted interventions in historical perspective. In: FINE, A.H. **Handbook on Animal-Assisted Therapy**. 3.ed. London: Elsevier, 2010. p.17-32.
7. GARCIA, M.; P. & BOTOMÉ, S.; P. Da domesticação à terapia: o uso de animais para fins terapêuticos. **Interação em Psicologia**, v.12, n.1, p165-167.
8. VELDE, B. P.; CIPRIANI, J. F.; FISHER, G. Resident and therapist views of animal-assisted therapy: implications for occupational therapy practice. **Australian Occupational Therapy Journal**, 2005; 52:43-50.
9. VLAHOS, J. Animais de estimação movidos a drogas. **Rev. Latinoamericana de Psicopatologia fundamental**. São Paulo: v.11, n.3, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142008000300008>
10. MARCHI, M.N.A.; LEONARDO, J.M.L.O.; SANTOS, M.G. Síndrome do autoblocamento em aves ornamentais. V Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar-Centro Universitário Maringá, Paraná, Brasil. outubro, 2009.

11. BERGAMO, M.; PEREIRA, R. E. P.; ZAPPA, V. Automutilação em psitacídeos -revisão de literatura. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, Garça- SP. Ano VII, n. 12, jan. 2009.

12. TORRO, A. R.; LARSSON, C. E.; BONAMIN, L.V. Homeopatia e dermatoses por lambedura: estudo clínico. **Revista Brasileira de Ciência Vet.** v.11, n.3:147-152, set/dez .2004.

SCHARRA, D.M.F. **A visão transdisciplinar da Terapia Assistida por Animais como estratégia terapêutica.** Trabalho apresentado à Disciplina “Tópicos avançados em Cuidados Transdisciplinares” do Curso de Especialização em Psicossomática e Cuidados transdisciplinares com o corpo. Universidade Federal Fluminense - Departamento de

Enfermagem Médico-Cirúrgica. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividades e Cuidados com o Corpo na Saúde. Niterói, 2013.

A VISÃO TRANSDISCIPLINAR DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS COMO ESTRATÉGIA TERAPÊUTICA.

Deila Maria Ferreira Scharra

INTRODUÇÃO

A transdisciplinaridade é a busca do sentido da vida, através de relações entre os diversos saberes (ciências exatas, humanas e artes) numa democracia cognitiva. Nenhum saber é mais importante que o outro. ¹

Vivemos o momento de mudanças em qualquer que seja a área dos saberes. São mudanças rápidas, capazes de serem percebidas e, por vezes, difíceis de serem compreendidas tornando-se, quase impossível, acompanhá-las em tempo real. A reflexão se faz necessária para que possamos entender a disciplinaridade que surge como uma consequência do pós-moderno com todas as suas mudanças e ousadias.

A ideia de caminhar, ultrapassar as fronteiras das disciplinas e a forma ousada de transitar por elas, faz parte da transdisciplinaridade e se torna verdadeiro, legítimo, quando pensamos na articulação dos saberes que dialogam nas mais variadas áreas, sem que haja domínio de um sobre o outro. A perspectiva transdisciplinar se propõe a escutar o que se passa em outras esferas do saber, porém mesmo em posição divergente, ela se apoia no exercício crítico que utiliza o pensamento, ação, experiência e valores. Na verdade, a educação transdisciplinar reavalia o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e do corpo na transmissão dos conhecimentos.

A transdisciplinaridade não é método, mas estratégia que caminha entre os saberes. A presença do especialista permanece presente e é preciso que o pesquisador tenha conhecimentos já sedimentados, encontrando solução para problemas mais complexos que exigem a sua polivalência. Os saberes transdisciplinares englobam desde a arte, a poesia, a filosofia, a ciência, a tradição respeitando-se, contudo, a natureza de cada uma delas. ³ A atitude transdisciplinar leva à integração de disciplinas, unificando conhecimentos. É uma resposta à globalidade ⁴

Tendo em vista o grande número de disciplinas com origens das mais variadas, sejam elas da área das biociências, humanas, ambientais ou outras, acarreta o surgimento de saberes e práticas que convivem com a multidisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade. Não há hierarquia entre os saberes disciplinares, graças à proposta da transdisciplinaridade, porém há cooperação entre os saberes.⁵ Desse modo, pode-se compreender que tolerância e abertura aparecem no diálogo que ocorre entre os diferentes saberes, culturas e modos de ser de cada um, tornando-se atitudes necessárias, capazes de causar transformações na nossa forma de compartilhar os conhecimentos, levando à aceitação das ideias e verdades contrárias às nossas.¹

Poderíamos, portanto, com base na compreensão do que é transdisciplinaridade, ousar na escolha do tema desse trabalho, trazendo à pauta uma forma de terapia que, embora venha ocorrendo ao longo dos tempos, ainda é vista com desconfiança por parte de alguns profissionais da saúde. É a Terapia Assistida por Animais que recebe as mais variadas denominações, tais como: Zooterapia, Pet-terapia e Terapia facilitada por animais. Nessa forma de terapia, atuam os mais variados profissionais, a saber: médicos, médicos-veterinários, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, psicólogos, pedagogos, adestradores, musicoterapeutas, profissionais de educação física, enfermeiros, fonoaudiólogos e dentistas. É, sem dúvida alguma, uma equipe transdisciplinar.

DESENVOLVIMENTO

A aproximação dos internos do Centro Psiquiátrico Pedro II no Rio de Janeiro começou, por acaso, quando foi encontrada uma cadelinha abandonada e faminta no terreno do hospital e, percebendo a atenção de um dos internos, perguntou-lhe se gostaria de tomar conta do bichinho “com muito cuidado”. Os resultados terapêuticos da incumbência assumida pelo paciente foram excelentes. Nise da Silveira faz referências a outros casos em que ocorrem relações afetivas entre pacientes e animais.⁶

A Terapia Assistida por Animais (TAA) utiliza o animal como parte principal do tratamento, objetivando promover a melhora social, emocional, física e / ou cognitiva de pacientes humanos.⁷ Baseia-se na interação homem-animal, também, chamada de Antrozoologia que vem despertando o interesse de pesquisadores que a consideram uma relação benéfica entre pessoas e animais com influência na saúde e bem-estar de ambos.⁸

Inicialmente, a TAA usava cães como animais terapeutas, porém, atualmente, outras espécies estão sendo usadas com resultado satisfatório, inclusive aves, tartarugas e até moluscos, entre outras espécies animais. No tocante ao cuidado com o corpo, vale ressaltar as atividades realizadas na Equoterapia, especialidade já reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina como método terapêutico. Esta modalidade já demonstrou benefícios na hemiplegia, lesões na medula e paralisia cerebral, alergias diversas, asma, deficiência visual, recuperação postural, entre outras. Por outro lado, há grande semelhança dos movimentos do cavalo com os do homem, movimentos estes que estimulam a transmissão das vibrações da medula para o cérebro, produzindo *feed-back* biológico. Desse tipo de tratamento se beneficiam pessoas que sofrem de paralisia cerebral, portadores da síndrome de Down, etc. Se considerarmos as bases neurofisiológicas da motricidade do ser humano, permitindo que se adaptem técnicas da Equoterapia para tratamento de pacientes com necessidades de desenvolvimentos orgânicos especiais, podemos concluir a interação necessária entre os profissionais que tratam desses pacientes.⁹

Voluntários proprietários de cães e aves vêm se organizando em grupos para levar seus animais em visita a asilos, casas de repouso, instituições para crianças e, até mesmo, hospitais, com o propósito de oferecer, não só recreação para os internos, mas, também, realizar exercícios físicos que beneficiem a coordenação motora, e o desenvolvimento da motricidade fina. Esta última, principalmente, indicada no manuseio das aves.

Até mesmo na área pedagógica, os animais vêm sendo usados no campo da interação socioambiental como auxiliares da aprendizagem, tanto para crianças normais como especiais.¹⁰Crianças com déficit de atenção, hiperatividade e autismo podem se beneficiar com a TAA⁶. Outro fato que merece atenção é o papel da música na equitação, onde as modalidades de passo, trote, galope, com ritmo musical variado, permitem a associação da arte com o trabalho de reabilitação.

Quanto à presença dos cães terapeutas nos hospitais, ressaltamos que a TAA pode ser usada como um recurso de aproximação entre o enfermeiro e o paciente, com melhoras nas relações interpessoais, facilitando a comunicação. É a comunicação usada como instrumento de cuidar. Entre os benefícios conferidos pela TAA temos: chamar os filhotes de cães pelo nome para pacientes que apresentam dificuldades na fala, estimulando-os a produzir expressões vocais (exercícios fonoaudiológicos); levar o paciente a acariciar, pentear, jogar bola (exercícios de coordenação dos movimentos); diminuição da percepção da dor e ansiedade, quando o estímulo, através do animal, faz com que aumente o nível de endorfinas, atuando na depressão; melhora no comportamento social do paciente; melhora nas relações interpessoais; aumento das células de defesa promovido pelo contato com os animais, diminuindo a possibilidade do desenvolvimento de alergias e problemas respiratórios, tornando o ambiente hospitalar mais descontraído.¹¹

CONCLUSÃO

A TAA, a despeito de ter sido utilizada ao longo dos anos por profissionais da saúde e, embora venha ganhando apoio na prática terapêutica, ainda, carece de compreensão para que possa ser adotada, de modo regular, nos programas de tratamentos ditos alternativos. Para que isso ocorra é mister que os profissionais, que a utilizam, busquem a transdisciplinaridade, permutando saberes que vão abrir os caminhos para esta especialidade. O diálogo entre as partes onde a tolerância e a abertura tornam-se imprescindíveis para que se alcance a almejada cooperação mútua na busca de benefícios para a saúde mental, para as doenças crônicas, para os comportamentos antissociais, para os deficientes físicos, para melhorar a capacidade de socialização, entre outros.

Atualmente, os cuidados com o corpo, por outro lado, estão no centro de uma discussão permanente por parte dos profissionais da área da saúde, quando o “ato de cuidar” ultrapassa o corpo humano e se estende ao corpo do animal. Vacinação, vermifugação, banhos antes das visitas, pele sem lesões, pelos limpos, escovados, sem falhas, ausência de ectoparasitos, unhas aparadas, dentes em bom estado de conservação e não muito afiados, fazem parte da relação dos cuidados adotados para que se possa recorrer à TAA. Pensamos que, desse modo, estamos contribuindo para o encontro da transdisciplinaridade possível entre duas medicinas: na área humana e na área da veterinária, quando a TAA se revela, sem sombra de dúvida, como elo necessário para que se estabeleça uma nova estratégia terapêutica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. SANTOS, A. O que é transdisciplinaridade. **Rural Semanal da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro** – Parte I: na semana de 22/28 de agosto de 2005; Parte II: na semana de 29/04 de setembro de 2005. Disponível em: www.ufrrj.br/leptrans/arquivos/O_QUE_e_TRANSDISCIPLINARIDADE.pdf
Acesso em: 27 nov.2012.
2. RODRIGUES, M.L. Caminhos da transdisciplinaridade- fugindo das disjunções lineares. **Revista Serviço Social**.n.64, Ano XXI, São Paulo.Ed. Cortez, nov. 2001. Disponível em: mhtml:file://F:\Transdisciplinaridade.mht
<http://.pucsp.br/nemess/links/artigos/marialucia3.htm>
Acesso em 12/07/2012.
3. CARVALHO, E.A. Saberes complexos e educação transdisciplinar. **Educar**, Curitiba: Editora UFPR, n.32, p.17-27, 2008.
4. ALBUQUERQUE, Verônica Santos; BATISTA, Rodrigo Siqueira; TANJI, Suzelaine; MOÇO, Edneia Tayt-Sohn Martuchelli. Currículos disciplinares na área de saúde: ensaio sobre saber e poder. **Interface**. Botucatu, v. 13, n. 3, oct. -Dec 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/101590/S1414-32832009000400003>>. Acesso em: 20/11/2012.
5. LUZ, Madel Therezinha. Complexidade do campo da Saúde Coletiva: multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade de saberes e práticas- análise sócio-histórica de uma trajetória paradigmática. **Saúde soc.** São Paulo, v. 18, n. 2, apr. -June 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/101590/S0104-129020090002000013>>. Acesso em: 19 nov. 2012.
6. LEAL, C.; NATALIE, K. Animais Terapeutas. **Revista Mente & Cerebro**. Ed.169. Fevereiro, 2007. Disponível em: www.psiquiatriageral.com.br/...animais_terapeutas. Acesso em: 28/11/2012
7. MACHADO, J.A.C.; ROCHA, J.R.; SANTOS, L.M.; PICCININ, A.; Terapia Assistida por animais (TAA). Revista Científica Eletrônica de Medicina-Veterinária. Ano VI, nº 10. jan. 2008. Disponível em: www.revista.inf.br/veterinaria10/revisao/edic-vi-n. Acesso em: 28/11/2012.
8. FARACO, C.B. Interação Humano-Animal. **Ciênc. Vet. Tróp.**, Recife-PE, v.11 suplemento 1, p.31-35. Disponível em: www.veterinaria-nos-tropicicos.org.br/...31-35.pdf
9. SEVERO, J.T. (org.) **Equoterapia – equitação, saúde, educação**. São Paulo: Editora Senac, 2010.363p.
10. GODOY, A. C. de Sousa & DENZIN, S. S. Atividades assistidas por animais: aspectos revisivos sob um olhar pedagógico. Disponível em: **Ensaio e Ciência**, 2007 – sare.anhanguera.edu.br.

11. KAWAKAMI,C.H.; NAKANO,C.K. Relato de experiência: terapia assistida por animais (TAA)- mais um recurso na comunicação entre paciente e enfermeiro. An. 8. Simp. Bras. Comum. Enferm. May,2002. Disponível em www.proceedings.scielo.br/pdf/.../v1a010.pdf

Acesso em: 28/11/2012

SCHARRA, D.M.F. *Sobre um caso de Afasia e o papel dos Pássaros na Atividade Assistida por Animais – Relato de Experiência*. 2º Simpósio Internacional de Atividade, Terapia e Educação Assistida por Animais – II SINTAA – Niterói- RJ, 2013 – *apresentação de poster*.

SOBRE UM CASO DE AFASIA E O PAPEL DOS PÁSSAROS NA ATIVIDADE ASSISTIDA POR ANIMAIS - relato de experiência.

AUTOR: SCHARRA, D.M.F.

Médica-veterinária com Mestre em Ornitopatologia – UFF; Especialização em Geriatria e Gerontologia - UNESA; Pós-graduação em Psicossomática e Cuidados Transdisciplinares com o Corpo - UFF.
E-mail: deilascharra@gmail.com

INTRODUÇÃO: Novas alternativas terapêuticas vêm sendo pesquisadas na busca da melhor qualidade de vida para os idosos. A pesquisa justifica-se, através de estudos realizados, observando-se os aspectos biopsicossociais que envolveram a criação de pássaros, favorecendo o processo de comunicação e a socialização de idoso afásico, em decorrência de danos cerebrais causados por aneurisma.

MÉTODO: Estudo descritivo com abordagem metodológica qualitativa, baseado em relato de experiência da autora como médica-veterinária ornitopatologista. O estudo refere-se à utilização da Atividade Assistida por Animais (AAA), envolvendo o “ato de cuidar” de pássaros em cativeiro, realizado por idoso de 64 anos, com diagnóstico de afasia.

RESULTADOS: O cuidado com os pássaros trouxe benefícios quanto aos aspectos: físicos, emocionais, cognitivos e socioculturais, que favoreceram a comunicação do idoso, bem como a sua inclusão social, apesar da irreversibilidade da afasia.

DISCUSSÃO: A criação de pássaros, nesse caso estudado, graças a AAA, trouxe benefícios à saúde física e mental do idoso. Devemos considerar o “ato de cuidar” de aves como facilitador do processo de inclusão social de pessoas que têm problemas de comunicação. No caso em questão, as atividades decorrentes do manuseio das aves, da seleção e distribuição do seu alimento, dos pequenos reparos realizados nas gaiolas e do contato estabelecido com outros criadores, contribuíram no processo de reabilitação e socialização do idoso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: FINE, A.H. *Handbook on Animal-Assisted Therapy*. 3. ed. London: Academic Press, 2010. 588p.

PEREIRA, M.J.F.P. Os benefícios da Terapia Assistida por Animais: uma revisão bibliográfica. *Saúde Coletiva*. 2007;04 (14):62-66.

JAKUBOVICS, R. e CUPELLO, R. *Introdução à Afasia - Elementos para o diagnóstico e terapia*. 6.ed. Rio de Janeiro: Revinter, 1996. 276p.

SOBRE UM CASO DE AFASIA E O PAPEL DOS PÁSSAROS NA ATIVIDADE ASSISTIDA POR ANIMAIS - relato de experiência

SCHARRA, D. M. F. Médica-veterinária com Mestrado em Ornitopatologia - UFF; Especialização em Geriatria e Gerontologia UNESA; Pós-graduada em Psicossomática e Cuidados Transdisciplinares com o Corpo - UFF. deillascharra@gmail.com



RESUMO:

Introdução: A atividade exercida por animais (AAA) pode trazer benefícios à reabilitação dos doentes. Assim, o papel das aves na interação homem X animal, em um caso de afasia decorrente de um aneurisma cerebral em paciente idoso, contribuiu de modo satisfatório para a sua recuperação e transformação sócio-cultural. **Objetivo:** a utilização das aves na AAA e a sua contribuição na inclusão social do idoso. **Métodos:** trata-se de um estudo descritivo com abordagem metodológica qualitativa, baseado no relato de experiência envolvendo o 'ato de cuidar' de pássaros realizado por idoso. **Resultados/Discussão:** foi observada diminuição da ansiedade, melhora do humor, maior facilidade no processo de comunicação, tanto na compreensão como na expressão do doente, apesar da irreversibilidade da afasia.

Conclusão: aspectos emocionais, físicos e mentais podem ser beneficiados graças à criação de pássaros. A AAA promoveu a saúde física e mental do doente além de favorecer suas funções cognitivas. Devemos considerar a participação das aves como facilitadoras do processo de socialização de doentes e de pessoas que vivem isoladas. **Referências:** FINE, A. H. *Handbook on Animal-Assisted Therapy*. 3. ed. London: Academic Press, 588 p. 2010. PEREIRA, M. J. F. P. Os benefícios da Terapia Assistida por Animais: uma revisão bibliográfica. *Saúde Coletiva*, 2007, (14):62-66.

Conflito de interesse: nenhum.

SCHARRA, D.M.F. *Sobre um caso de Afasia e o papel dos Pássaros na Atividade Assistida por Animais – Relato de Experiência.* (apresentação de poster)

RELAÇÃO DAS AVES MENCIONADAS NESSE LIVRO

1. Agapornis (Agapornis *spp.*)
2. Ararajuba (Guaruba *guarouba*)
3. Bicudo (*Orizoborius maximiliani*)
4. Cã-cã (*Cyanocorax cyanopogon*)
5. Cacatua (Cacatua *sp.*)
6. Carcará (Caracara *plancus*)
7. Calopsita (*Nymphicus hollandicus*)
8. Canário (Serinus *canarius canarius*)
9. Codorna (Coturnix *coturnix*)
10. Coruja suindara (*Tyto furcata*)
11. Galo doméstico (Gallus *gallus domesticus*)
12. Garça (*Egretta alba*)
13. Maritacas, Cocotas (vários gêneros: *Pionus*, *Brotogeris* e outros)
14. Pardal (*Passer domesticus*)
15. Periquito australiano (Melopsittacus *undulatus*)
16. Pombo doméstico (Columba *livia*)
17. Quero-quero (Vanellus *chilensis*)
18. Rolinha (Columbina *minuta*)
19. Sanhaço (Thraupis *episcopis*)
20. Urubu (Coragyps *atratus*)

“A Terapia Assistida por Animais (TAA) vem se firmando como uma nova alternativa terapêutica na busca de uma boa qualidade de vida para os humanos nas mais diversas faixas de idade, entre elas crianças, jovens, adultos e 3ª idade. É uma forma de terapia na qual o animal tem participação importante no tratamento da pessoa. Na verdade, nessa modalidade de terapia, o animal atua como coterapeuta e os resultados alcançados vêm sendo satisfatórios, tanto na prevenção e recuperação de doenças como, também, na inclusão social de pessoas com deficiência, favorecendo a socialização.”

DEILA MARIA FERREIRA SCHARRA

AVES TERAPEUTAS

**TAA E A UTILIZAÇÃO
DAS AVES COMO
ESTRATÉGIA
TERAPÊUTICA**



ISBN: 978-65-00-12448-4

CR



9 786500 124484